

**UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
FACE – Faculdade de Ciências da Educação
Curso de Letras**

Sherazade: a linguagem e o poder do discurso narrativo no conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” do “Livro das Mil e Uma Noites” (uma adaptação de Mamede Mustafá Jarouche)

KELLY AGUIAR DA SILVA
Brasília, dezembro de 2005.

**UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
FACE – Faculdade de Ciências da Educação
Curso de Letras**

Sherazade: a linguagem e o poder do discurso narrativo no conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” do “Livro das Mil e Uma Noites” (uma adaptação de Mamede Mustafá Jarouche)

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como Professora-Orientadora Ana Luiza Montalvão Maia.

KELLY AGUIAR DA SILVA
Brasília, dezembro de 2005.

Aos meus pais, ao Ricardo, meu noivo; Gustavo, meu
sobrinho; e às minhas irmãs, Karine e Keila; pela
compreensão e reconhecimento.

À minha estimada professora-orientadora Ana Luiza, pelo
carinho, atenção, e por estar, sempre, dedicando boa
parte de seu tempo para transmitir todo seu
conhecimento.

A todos meus professores, que fizeram, e ainda fazem
parte de minha vida.

À minha amiga Lucienne, por todo seu carinho, apoio e
atenção dispensada.

Ao meu Deus, que acima de tudo, me dá forças e ilumina
meus caminhos.

Eu penso em “As mil e uma noites”: falava-se, narrava-se até o amanhecer para afastar a morte, para adiar o prazo deste desenlace que deveria fechar a boca do narrador.

(Michel Foucault)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	
DISCURSO E TIPOS DE DISCURSO DA NARRATIVA LITERÁRIA	10
CAPÍTULO II	
A SOCIEDADE MUÇULMANA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA	20
CAPÍTULO III	
A DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO DE SHERAZADE, NA OBRA “AS MIL E UMA NOITES”, COMO PROCESSO DE ATEMPORALIDADE POÉTICA	56
CONCLUSÃO	65
ANEXOS	67
REFERÊNCIAS	84

RESUMO

Discurso é uma prática social; ação de uso contínuo da língua. Modo de interação que se materializa por meio de elementos significativos (a escrita, a fala e os gestos) da realidade de enunciadores e enunciatários, pois língua e linguagem exigem certa metodologia, assim como texto e discurso. Nos quais incluem diálogos e vozes múltiplas, passíveis de interpretações da atração mútua entre os protagonistas: texto, mundo e autor. No universo do discurso narrativo/literário o texto é pragmático, e a formação discursiva apóia-se em traços dotados de certa literariedade. Já que toda manifestação literária decorre de um reflexo da realidade, de um contexto. No mundo muçulmano, o posicionamento do feminino é reflexo de problemas associados à cultura e religião islã. Porventura, a realização de atividades é voltada mais para homens do que mulheres, numa sociedade 'falocrática'. E a submissão da mulher é um dos aspectos mais perceptíveis da tradição oriental. Visto que esse gênero equipara-se a animais domésticos, sem capacitação de domínio de qualquer tipo de tarefa fora do ambiente familiar. Muito menos de atividades que possuem ligação com a política do discurso, como as de cunho intelectual. Até porque se considera normal que tal habilidade seja privilégio de homens. Portanto, a partir de uma análise do objeto de estudo, o conto "A Primeira Jovem, a Dona da Casa", do "Livro das Mil e Uma Noites", é possível observar de que forma a contadora de histórias Sherazade quebra estereótipos a respeito das mulheres muçulmanas. E como seu poder de persuasão é um mediador no processo de mensagens subliminares transmitidas em seus contos, que são uma prova da atemporalidade da linguagem poética.

Palavras-chave: discurso – mundo muçulmano – questão do feminino – Sherazade.

INTRODUÇÃO

O título, *Sherazade: a linguagem e o poder do discurso narrativo no conto “A Primeira Jovem, A Dona da Casa”, do “Livro das Mil e Uma Noites”, uma adaptação de Mamede Mustafá Jarouche*, é uma pesquisa sobre o discurso feminino. Tendo como objeto de estudo deste trabalho o referido conto citado no tema, cuja publicação foi realizada no “Livro das Mil e Uma Noites”, a partir de uma tradução dos manuscritos árabes para a língua portuguesa. Com base no objeto de estudo, a delimitação do tema se limita a fazer uma abordagem sobre como o poder do discurso da personagem Sherazade caracteriza a atemporalidade da linguagem poética nos contos da obra “As mil e uma noites”.

A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. E as principais fontes consultadas são Andréa Nye, Beth Brait, El Saadawl, Joel Birman, Jean Baudrillard, Michael, Sleiman, Moacir Scliar, Mariza Werneck, Nélide Piñon, Peter Demant, dentre outras.

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, com o objetivo de apreender a totalidade do tema proposto, e descrever a complexidade do caso concreto. Assim, através de um estudo profundo e exaustivo do objeto delimitado, houve a possibilidade de fazer análise social detalhada do caso.

O primeiro capítulo propõe uma breve exposição de elementos fundamentais sob o viés do discurso, por amostragens de fatores representativos que o constituem, como: língua, linguagem, falante e ouvinte. Em seguida, faz-se uma descrição sobre o discurso literário e os tipos de discurso da narrativa literária. Como o discurso literário e o poético.

O segundo capítulo é dividido em três partes. No primeiro momento, apresenta definições de sociedade, especificando relações sociais e de poder que envolve uma cultura determinada, no contexto político e religioso. No segundo, conceitua os termos 'sociedade' e 'cultura', sob uma perspectiva sociológica. Por conseguinte, faz uma relação básica entre sociedade ocidental e sociedade oriental.

A partir de um panorama histórico dessas, com ênfase no contexto do mundo muçulmano, com base no objeto de estudo deste trabalho. Ao final, consolida as referências sobre a sociedade muçulmana em vista do posicionamento do feminino no oriente e no ocidente.

De modo crítico, se adentra ao mundo muçulmano se situando no contexto das "Mil e Uma Noites", com exemplos de registros oriundos de livros e de alguns documentos sobre a condição e a educação da mulher, já que [...] "o caminho para a verdade universal – o que permite aos filósofos geniais pensarem – é sexo e gênero". (SMITH, 2003: 18).

Adiante, analisa o poder do discurso narrativo feminino na sociedade muçulmana. Pela categoria de gênero, com relatos de representações do feminino e sobremaneira de características próprias do masculino em relação à situação da mulher perante uma sociedade. Através de um estudo epistemológico, com interpretações lógicas sobre a submissão da figura feminina, base em dois pontos de vista. No primeiro, há referências de estudos realizados por especialistas, como Andréa Nye (professora adjunta de filosofia da Universidade de Winsconsi). No segundo, destaca-se por asserções do psiquiatra Joel Birman, que apresenta o conceito de feminilidade, sob categorias freudianas e teorias psicanalíticas pós-freudianas ligadas numa dimensão/princípio constituinte da psique.

Enfim, o terceiro capítulo é uma desconstrução do discurso narrativo de Sherazade. Trata-se da seleção do conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa”, relativo às 63ª a 66ª noites da obra “Livro das mil e uma noites”, do tradutor, Mamede Mustafá Jarouche.

Há uma síntese do trecho do conto, cujo início faz inferências sobre a história da noite anterior, a 62ª, contada por Sherazade. Ao final do resumo apresentado, é mencionada a problemática que originou a pesquisa. Com passagens oriundas do texto sobre os principais elementos presentes no enredo da narrativa, tais como a subserviência da mulher, o poder de persuasão, a preservação da identidade feminina e a preservação dos costumes do povo muçulmano.

Desta forma foi demonstrado como a atemporalidade poética é uma prova evidente do argumento-eixo das narrativas das “Mil e uma noites”, sob o fascínio da arte da narrativa popular, por intermédio do discurso da famosa contadora de histórias de todos os tempos, Sherazade.

CAPÍTULO I

DISCURSO E TIPOS DE DISCURSO DA NARRATIVA LITERÁRIA

“O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala” (Fiorin, 1988: 35)

O discurso é a utilização individual que o homem faz da língua, enquanto concretização da linguagem, e de suas formas múltiplas, (o conjunto organizado de elementos significativos: a escrita, a fala, os gestos e os símbolos de diversas naturezas, as placas de trânsito, os letreiros luminosos, os cartazes, etc.).

Esses elementos representativos se idealizam pela exposição de suas idéias, sejam elas na linguagem verbal ou na escrita, e pelo desenvolvimento de opiniões críticas a respeito de determinado assunto específico.

Segundo Domício Proença Filho, em sua obra *A linguagem literária*, o uso da língua é concretizado pela aplicação da linguagem, que por sua vez é instrumento essencial que possibilita a interação: “A linguagem é uma das formas de apreensão do real. O homem vive em permanente e complexa interação com a realidade e a apreende de várias maneiras, por exemplo, através dos sentidos” (1999:16).

Sob essa visão, como um processo de comunicação, a linguagem tem vínculo com a língua, que é um sistema de signos (significados e significantes) convertidos em realidade e nessa concepção, a utilização individual que se faz da língua (fala ou discurso) é importante, mas num discurso há de se ressaltar que existe a presença de uma personagem principal (enunciador/falante específico), responsável pela transmissão de informações, com a finalidade de comunicar algo a alguém, ou a certo grupo especial, em observância a um dado aspecto relevante.

Para José Luiz Fiorin, em seu livro *Linguagem e Ideologia*, por ser um meio de comunicação, ao fazer um discurso, o falante pratica uma ação no mundo, a fim de destacar em sua linguagem um ponto de vista ideal:

[...] “O falante, suporte das formações discursivas, ao construir seu discurso, investe nas estruturas sintáticas abstratas temas e figuras, que materializam valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existentes em sua formação social”. (2000:17).

Sob essa ótica, o falante é considerado um “divisor de águas” das ações praticadas num discurso, pois é um personagem que se destaca, é o agente principal no que diz respeito ao repasse de informações na elaboração do discurso, de acordo com uma dimensão social.

É fundamental considerar que num discurso o ideal é informar numa perspectiva crítica, isto é, transmitir, além da informação adequada, o “efeito de sentido”, e considera-se efeito de sentido ou efeito de real, aspectos que são mencionados num discurso para justificar, por exemplo, a origem de certa informação, seu posicionamento e marcas interlocutórias, conforme dados de uma realidade, realizados através de alguns mecanismos, que podem ser de registros (livros, artigos, documentários, etc.) e de tipos de discurso (literário, autoritário, lúdico, dentre outros).

No entanto, embora a participação do falante seja relevante numa narração de um discurso literário, a marca interlocutória pode ser vista como um pressuposto de que a formação discursiva que prevalece é a da classe dominante, e não a do enunciador, porque não pode ser uma individualidade livre das coerções sociais:

[...] “Estabelece-se, assim, pela noção de discurso, o modo de existência social da linguagem: lugar particular entre língua (geral) e fala (individual), o discurso é o lugar social”. (ORLANDI, 1983:146).

Da mesma forma, Fiorin afirma que o falante assimila as formações discursivas de sua formação social, e apresenta no seu discurso, e assim, os “agentes discursivos são as classes e as frações de classe” de modo abrangente, porque o indivíduo é produto das relações sociais, pelo fato de agir, reagir, pensar e falar como os membros de seu grupo social.

Como se percebe, discursar é agir, pois é evidente que no momento da enunciação, o enunciador necessita de praticar alguma ação no mundo, de modo que divulgue dados de interesse social, pelos seus sentidos produzidos no mundo (por interpretações da narrativa discursiva) que tem o objetivo de causar influência sobre os outros.

Ainda citando Fiorin, é essencial acrescentar que ao relatar uma situação, o enunciador deve mostrar que realmente existem efeitos de sentidos e/ou motivos que o inspiraram a escrever sobre a importância de algo, tanto é que [...] “O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”. (FIORIN, 2000:43).

Por essas afirmações, se verificam no discurso abordagens de aspectos comumente voltadas para uma dimensão social, e não para o indivíduo em questão, pois de acordo com Fiorin o: “[...]” árbitro da discursivização não é do indivíduo, mas as classes sociais “. (FIORIN, 2000:43)”.

Cabe esclarecer que o enunciatário (o ouvinte) também tem um papel importante no discurso da narrativa literária, ao colaborar com o enunciador, no sentido de acreditar no que ele deseja comunicar em seu discurso, e assim também poder agir no mundo, ou seja, fazer com que algo possa mudar no meio social.

Essa interação entre autor-interlocutor é uma forma de persuasão que o falante usa para despertar um interesse no interlocutor sobre alguma peculiaridade, que pode ser diversas formas, tais como: por meio de críticas, observações; mudanças de comportamentos, sugestões diversas, dentre outros aspectos.

Já que um discurso se insere no cotidiano, como uma prática social cristalizadora e modeladora de significados, perante uma sociedade, sua história e meio social, da mesma forma, no discurso literário, que é uma manifestação da linguagem, também, estabelece efeitos de sentidos com base numa visão de mundo.

Domício Proença Filho afirma que o discurso literário apresenta opacidade, por conduzir ao leitor a um [...] “alto índice de multissignificação dessa modalidade de linguagem que, de antemão, quando com ela travamos contato, sabemos ser especial e distinta da modalidade própria do uso cotidiano”. (1999:8).

Pode-se afirmar que o discurso é um modo especial de decodificação da linguagem, pois está sempre ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor e nesse sentido, deve-se lembrar que, como um texto comum, todo discurso tem uma metodologia imanente que é uma perspectiva constitutiva do discurso, baseada em vários aspectos textuais (sentenças, palavras, períodos, etc.), e de níveis com unidades diversificadas, que se entrelaçam de acordo com suas especificidades (lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas).

De acordo com Eni Orlandi, em *A Linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*, o discurso, como o texto permite maior fornecimento de dados para possíveis análises de suas unidades e estruturas de discursivas, de qualquer tipo ou categoria, a fim de se obter uma forma de compreensão da realidade, e que:

[...] “A característica da relação entre discurso e texto é a seguinte: eles se equivalem, mas em níveis conceptuais diferentes. Isso significa que o discurso é tomado como conceito teórico e metodológico e o texto, em contrapartida, como o conceito analítico correspondente. Há, portanto, uma relação necessária entre eles”. (1983:147).

No discurso narrativo, como qualquer outro, não se restringe a tais aspectos de formação, uma vez que não há discurso sem sujeito/enunciador/autor (falante), nem sujeito sem ideologia (ponto de vista) e assim o autor reafirma que o discurso e o texto são implicitamente metódicos, pois: [...] “olha-se através do texto enquanto unidade significativa”. (1983:106).

No discurso de um texto narrativo não há uma unidade formal, mas pragmática, por apresentar elementos originários do contexto situacional num processo de significação.

O estudo do discurso narrativo de um texto qualquer possibilita uma infinidade de interpretações possíveis da realidade, através da criação de diálogos múltiplos, numa interação entre autor, interlocutor e obra de um universo de uma dimensão social.

Considera-se que o discurso narrativo é uma arte literária, porque transporta vários tipos de saberes e valores culturais de um povo, tais como: antropológico, econômico, filosófico, político, sociológico, dentre outros.

A propósito, essa divulgação de informações por intermédio de sentidos decorrente de ações num âmbito social possibilita a realização da narração, que [...] “compreende-se a sucessão de fatos, imagens ou acontecimentos que, numa seqüência ordenada, se configura num texto literário; é o modo como a narrativa se concretiza”. (FILHO, 1999: 52-53).

E a partir do conceito de narração, pode-se verificar o surgimento da sucessão dos fatos decorrentes, e esse fundamento é visualizado pela narração de eventos, isto é “a divulgação genérica atribuída aos textos em que se caracteriza uma seqüência de acontecimentos, ou uma história”. (FILHO, 1999:53).

Nessa situação, a narrativa se constrói pela comunicação de todos os fatos, de modo simples ou complexo, ou seja, através de relatos dos acontecimentos, imagens, provenientes de uma seqüência de conflitos, problemas e tensões dentro de um contexto sócio-histórico-cultural.

A formação discursiva apóia-se na identificação de traços específicos de um discurso narrativo (complexidade, multissignificação, conotação, liberdade de criação, ênfase no significante, variabilidade).

Primeiro compreende-se que, a complexidade num discurso narrativo surge pelo fato de não existir um relacionamento direto entre autor e referente, e assim as origens das informações transmitidas, partem de um “leque” amplo de possibilidades de interpretações, pois é um universo cultural sem limites.

“A natureza das informações que, por intermédio, são transmitidas, vai além do nível meramente semântico para se converter em algo tal, que sua comunicação se torna impossível através das estruturas elementares do discurso cotidiano”. (FILHO, 1999:37).

Segundo, a multissignificação ou plurissignificação, tal como a complexidade, é definida num contexto literário pela complexidade da língua; signos; frases e sucessivas seqüências com significados distintos de outros, que nesse sentido, se distanciam duma monossignificação por sua abrangência, até porque “[...] a multissignificação é, pois, uma das marcas fundamentais do texto literário como tal”. (FILHO, 1999:39).

Esse aspecto é fundamental, no que diz respeito às interpretações e leituras diversificadas realizadas por pesquisadores e estudiosos: “[...] A permanência de determinadas obras se prende ao seu alto índice de polissemia, que se abre às mais variadas incursões e possibilita a sua atemporalidade”. (FILHO, 1999:40).

Terceiro, a linguagem literária de um discurso narrativo é predominantemente conotativa, que resulta duma criação que é realizada por meio de palavras: “[...] é do arranjo especial das palavras nessa modalidade de discurso que emerge o sentido múltiplo que a caracteriza”. (FILHO, 1999:40).

Quarto, à liberdade de criação, que é um ponto diferencial, merece destaque no ambiente do discurso narrativo. Já que o autor é livre de qualquer interrupção alheia, ao demonstrar seu ponto de vista, por meio de sua produção textual, o que mais lhe interessa é o “poder” de revelar sua capacidade de produção artística, tanto na comunicação quanto na expressão, oral e escrita, assim:

[...] “A literatura se abre, plenamente, então, à criatividade do artista. Em seu percurso, ela consiste na constante invenção de novos meios de expressão ou numa nova utilização dos recursos vigentes de determinada época. Mesmo nos momentos em que a obediência a determinados princípios pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores”. (FILHO, 1999:41).

Não existem limitações no universo literário, e nesse processo o enunciator/escritor é o artista que conquista o espaço de sua produção, e como todo objeto de criação contém suas regras implícitas, por exemplo, um texto com suas regras gramaticais, o único espaço do texto literário é o da liberdade, uma vez que [...] “A obra de arte literária se faz, fazendo-se”, e não existe uma “gramática normativa” para o texto literário. (FILHO, 1999:41).

Quinto, a importância da ênfase no significante é de fundamental interesse, no plano do conteúdo de obras literárias e/ou mensagens transmitidas por um autor. Nesse propósito, ao comparar a riqueza vocabular de conteúdo presente entre uma e outra palavra (por exemplo, a escolha da palavra “calma” no lugar de “tranquilo”, “repentinamente” ao invés de “de repente”, dentre outras). Esse aspecto demonstra a criatividade do autor, no momento, de escolha não só de palavras, mas também de frases e outros termos a serem utilizados numa obra.

Sexto, e último traço, a variabilidade do discurso narrativo, inserido numa língua a partir da ligação de todo o universo sócio-cultural, que dimensiona o homem no tempo e no espaço:

[...] “O texto literário se vincula, [...] a um universo sócio-cultural e a dimensões ideológicas; sua natureza envolve mutações no tempo e no espaço; ele tem uma língua como ponto de partida e de chegada; as línguas acompanham a mudanças culturais; mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mudam-se os povos, a linguagem: a literatura, manifestação cultural, acompanha as mudanças da cultura de que é parte integrante e altamente representativa”. (FILHO, 1999:44).

Por esses traços característicos, percebe-se que a narrativa está diretamente ligada ao discurso literário e/ou ao discurso da arte, que se configura pelo “[...] índice da chamada literariedade, busca mobilizadora, sobretudo da crítica formalista e estruturalista”. (FILHO, 1999:36).

Nessa perspectiva, esse recurso é o principal alvo de interpretação de textos, no ramo da análise de discurso narrativo, que remete o autor a um contexto não somente em termos literários, mas também históricos; econômicos na cultura de uma sociedade, e que a literariedade no texto [...] “reside, portanto, não no fato de ser estruturado, mas na especificidade de sua estrutura, [...] pelo qual os materiais lingüísticos, culturais e ideológicos são organizados e adquirem forma de arte.” (D’ONOFRIO, 1995:19).

Ainda citando Salvatore D’ONOFRIO, a partir dos diversos conceitos apresentados, em torno do discurso narrativo, é importante destacar a definição do poético, que se constitui através da língua, em seu conjunto, tanto no plano da expressão, quanto no plano do conteúdo, incluindo significante e significado, e todo sistema de comunicação da linguagem literária que forma a natureza do poético, e assim:

“Todo sistema que serve para comunicação humana pode ser considerado *uma linguagem*. Esta se define como um conjunto de signos regido por regras de combinação e apto a expressar um modelo do mundo, uma visão ideológica da existência”. (1995: 9).

Neste sentido, nota-se existe uma relação entre literatura e sociedade no discurso narrativo, pelo fato de que ambas retratarem uma realidade no presente, como é observado no objeto de estudo desta monografia, o conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” do “Livro das Mil e Uma Noites”. Com isso, surgem

reflexões sobre o passado, de questionamentos em relação ao presente por intermédio de conhecimentos prévios (pesquisas, conhecimento do universo sócio-cultural, língua local e outros).

A propósito, vale lembrar que fatores como tempo e espaço são meramente essenciais na interpretação de uma obra, pois, são complementares, no momento de revelação de uma realidade “extratextual”, isto é, o que realmente acontece no mundo, de modo implícito no discurso literário, considerando uma determinada dimensão social.

De certa forma, consideram-se fatos, um emaranhado de ações que envolvem situações específicas de numa realidade, o que de certo modo, são demonstradas nos livros literários, por autores/enunciadores de um discurso narrativo, prova de que a veracidade dos acontecimentos, conflitos e debates sociais estão presentes, de alguma forma, num dado momento histórico.

Portanto, por ser um recurso prático, o discurso narrativo utiliza a linguagem como um lugar de debate e/ou conflito verbal, numa sociedade, assim, é manifestação literária, decorrente do reflexo de uma realidade, como qualquer forma de discurso.

O capítulo II abordará uma sociedade específica: a muçulmana. Esta abordagem torna-se necessária, pois o objeto de estudo desta monografia, o conto “A Primeira Jovem, A Dona da Casa”, do “Livro das Mil e Uma Noites”, tem como espaço romanesco a sociedade muçulmana.

CAPÍTULO II

A SOCIEDADE MUÇULMANA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA

“Sendo contraditórios poder e feminilidade, o componente semântico da dominância é masculinizado e a inferioridade das mulheres é codificada na linguagem de tal modo que a igualdade seja inconsciente com feminilidade”. (NYE, 1995:207).

Sociedade é um conjunto de pessoas que compartilham um dado espaço físico, isto é, um sistema de inter-relações diverso constituído por meio de representações de valores seja material ou imaterial, que, de certa forma, dão origem a uma cultura específica.

Nota-se que para cada sociedade são desenvolvidas atividades específicas, que variam, de acordo com um complexo cultural de cada lugar, por que “cada cultura engloba um número grande e variável de complexos inter-relacionados”. (LAKATOS, 1999:139).

Ao compreender essa configuração universal de cultura, e mediante a constituição de conglomerado de valores, é importante mencionar o quanto os valores são fundamentais na constituição de uma sociedade qualquer.

Henri Mendras, em sua obra, *O que é a Sociologia*, enfatiza que a importância dos valores compreende todo um aparato de normas, costumes e regras que um povo deve seguir, conforme sua convenção social:

[...] “A sociedade dispõe para levar os indivíduos a viver a sua civilização, participar da opinião e das atitudes coletivas, compartilhar as normas e os valores dos grupos, preencher corretamente os papéis sociais e respeitar os costumes. [...] Ritos, normas e valores”. [...]. (2001:119).

Sob essa fundamentação, torna-se viável, estabelecer uma definição de civilização: “o conjunto de aspectos da vida material e cultural de um grupo social, em qualquer estágio de seu desenvolvimento, ou [...] a cultura própria de um povo, de uma coletividade, de uma determinada época”. (FERREIRA, 2000:157).

Ainda citando Mendras, a noção de que numa civilização os valores são regidos por relações de poder, e relações sociais, mostra que existem ideologias, ora instituídas por um representante legal de um povo; pela sociedade em si, que, assim se amparam em diversos fatores sociais (econômicos, ecológicos, biológicos, etc.).

Com isso, entende-se por essas fases de desenvolvimento de uma civilização, o que elas podem estabelecer num determinado espaço geográfico, e para tal fundamento é preciso que aspectos da vida material e cultural sejam definidos, e as decisões sobre essas idealizações são de responsabilidade de alguém, ou de um grupo de pessoas, que faz parte da mesma sociedade, isto é, pertence a um mesmo grupo, com o objetivo de organizar a vida social e econômica:

“O apego à terra, a coragem, o ardor no trabalho, o prazer da economia são qualidades necessárias a um trabalhador, que, sendo seu próprio senhor, deve impor-se uma disciplina, e a um chefe de empresa familiar, que deve garantir a segurança da sua família pela sobrevivência dessa empresa. Se o sistema de valores, em especial a moral teórica, deve ser congruente com a ideologia, os mitos e as crenças de um grupo social, ele deve também ser congruente, sob a forma da moral prática, com a organização e o funcionamento da vida social e econômica”. [...] (MENDRAS, 2001:123).

Sob essa ótica, a relação de poder se origina a partir da idéia de que os membros de uma sociedade são eleitos por um conjunto de indivíduos. Assim como são os Presidentes ou chefes de poder, de um determinado espaço global. Por isso, percebe-se que existe “A relação entre as instituições políticas e a cultura é um inesgotável tema de reflexão” [...]. (MENDRAS, 2001:5).

No entanto, para que haja uma relação de poder entre homens com prestígio ou influentes de uma sociedade, é essencial que estes possuam algum tipo de domínio nas esferas: política; pública; religiosa; corporações; indústrias; empresas e instituições diversas.

Esses “líderes”, ou pessoas que compõem o governo duma sociedade, de alguma forma, devem contribuir para o estabelecimento de determinados propósitos, que variam, em conformidade com o tempo e o espaço, e pela exigência cumprimentos de certas regras ou normas legais, a serem respeitadas, com o objetivo de organizar os modos de vida dos membros de uma sociedade, já que: “em todas as sociedades, os valores se organizam segundo dimensões principais”. (MENDRAS, 2001:122).

Pelo viés antropológico, observa-se que [...] “a cultura tem significado amplo e: ”engloba os modos comuns e aprendidos de vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade.” (LAKATOS; MARCONI, 1999:131).

Cabe salientar que as relações sociais são estabelecidas por membros de uma sociedade, e se formam a partir de elementos básicos estabelecidos em normas, direitos, deveres e obrigações, conforme uma dimensão social, para então compor uma cultura exclusiva. E representação de comportamentos e modos de vida dos indivíduos na sociedade tem base na execução de tarefas diversas, as

quais abrangem certas condições de trabalho; saúde; educação; família; religião e lazer, ou seja, de todas as atividades cotidianas existentes.

Segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, em *Sociologia Geral*,

“A cultura, portanto, pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques: idéias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades) e artefatos (machados de pedra, telefone)”. (1999:133).

No entanto, pelas asserções mencionadas acima, é notório esclarecer que não existe sociedade homogênea, e principalmente sem cultura, já que cada sociedade se agrega aos homens que as constitui, portanto: [...] “nenhuma sociedade pode existir sem os indivíduos que a fazem” [...]. (MENDRAS, 2001:3).

Portanto, com base nos conceitos abordados a respeito de cultura e sociedade, partir deste parágrafo é imprescindível estabelecer um panorama histórico entre a sociedade ocidental e sociedade oriental (especificamente o Oriente Médio, uma região de maior atuação de muçulmanos), enfatizando o contexto do objeto de estudo desta monografia.

Ao considerar que toda sociedade é formada de um conglomerado de pessoas, que a organizam, e nelas abarcam inúmeros fatores culturais, tais como religião, política, economia, padrões de conduta e outros, e nesse meio permeia todo um complexo processo de construção, de constituição e de fundamentação. As estruturas sociais (religiosas, econômicas e culturais) são fixadas, basicamente, ora

por autoridades ou pessoas responsáveis em dirigir uma crença com legado especial sobre os povos.

Visto que as relações de poder são implícitas numa sociedade, e se originam não somente por meio da participação ativa de um governante local, mas principalmente de pessoas influentes, de instituições importantes (sistemas econômicos; financeiros ou políticos), ou até mesmo de um vasto conjunto de personalidades afins: padres, pastores, sacerdotes, reitores de escolas, dentre outros, de acordo com uma dimensão social.

Nessa perspectiva, é perceptível que as sociedades são organizadas por todo um aparato de ideologias cujos valores, regras, e normas se definem em concordância com algo, previamente, discutido, concordado ou elaborado por intermédio de membros que possuem certo tipo de prestígio especial.

Tanto no Oriente quanto no Ocidente as civilizações se fundamentam, desde seus primórdios, numa religião predominante, e cada uma se utiliza de uma escritura, sobretudo, um livro sagrado, cuja finalidade de seu mentor é de transmitir às coletividades seguidoras as leis/mandamentos/ ideologias registradas nesse por mediação de um deus exclusivo.

Como há uma relação intrínseca entre religião e sociedade, nos Livros Sagrados, contém registros de toda uma doutrina específica, com o propósito de manter um vínculo, um “diálogo” entre fiéis juntamente às suas teorias pregadas.

A respeito de estruturação de valores descritos em obras sacras, os povos ocidentais – basicamente, os cristãos – seguem os ensinamentos contidos na *Bíblia Sagrada*, e os do Oriente Médio acompanham as recomendações estabelecidas pelo *Corão* ou *Alcorão*. Ambos os registros se ligam através de transcrições de inúmeras questões sociais, e esses [...] “contrastos não apenas nas formas visíveis,

rituais e sociais, mas até no núcleo das crenças e na maneira de aplicá-las à sociedade” [...] (DEMANT, 2004:14).

Ao fazer um contraponto com o Ocidente e o mundo muçulmano, nota-se que as relações sociais deste, fazem parte, completamente, da vida dos crentes, e de tais fundamentos instituídos, de modo bastante peculiar, pela mediação do próprio Corão.

Por outro lado, lembrando que o Catolicismo, como o Islã, do mesmo modo, teve seu ápice, um dia, - não só no Ocidente, como em todo o mundo - a sociedade ocidental se fundamentava pelo intenso embate entre religião e política, que ainda predomina nos dias de hoje, no Oriente Médio.

Fato evidente dessa [...] “justaposição de tantos fatores – religiosos estratégicos e econômicos – explica por que o Oriente Médio capta tanta atenção de políticos, jornalistas e da opinião pública internacional”. [...]. (DEMANT, 2004:16).

Atualmente, esse fator é diferente porque o Cristianismo já não influi tanto num contexto social do Ocidente, muito menos oriental, quanto antigamente. Razão disto são as várias divisões de civilizações, e inúmeras transformações socioculturais, nos quais implicam mudanças de crenças, de valores, etc.

Dessa forma, dentre cristãos e protestantes, passaram a existir outros segmentos religiosos (Espiritismo, Hinduísmo, Budismo, etc.), e líderes das sociedades adotaram outros conceitos sobre questões abrangentes, em torno da segregação dos sexos, advindas de lutas pelo reconhecimento parcial do igualitarismo de direitos, de deveres e de obrigações entre homens e mulheres.

[...] “Num primeiro momento, o movimento feminista ocidental concentrou suas reivindicações na igualdade (jurídica e política) formal; num segundo momento, pediu direitos econômicos e sociais para as mulheres: educação, trabalho remunerado, boas condições de trabalho, livre escolha do parceiro matrimonial etc. Mais recentemente, tem se adicionado a problematização da desigualdade nas relações pessoais: a divisão desigual dos papéis dentro da família, os direitos sexuais e até reivindicações (no feminismo radical) da auto-segregação das mulheres, da feminilização da sociedade”. [...] (DEMANT, 2004:148).

Sob essa abordagem genérica de Demant, compreende-se que a emancipação da mulher e sua representação no meio social na sociedade Ocidental e Oriental, assunto que desperta grande curiosidade em pesquisadores e historiadores. Pois se entende que este é um dos vários motivos de adventos de “choques” entre modernidade e civilização. E segundo o autor, uma das principais razões deste contraponto é que a liberdade de o sexo feminino pode ser causa, ou parte integral da revolução política da humanidade, e de fundamentalmente, de uma modernização. Portanto, seria inviável desvincular modernidade econômica e tecnológica de qualquer meio humano, até mesmo, no mundo muçulmano, mesmo com objeções de grupos fundamentalistas.

Mas no Oriente Médio o fundamentalismo muçulmano ou islamismo não permite que seus seguidores sejam guiados pelas regras da modernidade Ocidental, pois para eles, por trás de toda fenomenologia desta “modernização” se oculta uma teleologia, que envolvem as mais distintas formas de progressão social, econômica, política, e outras, como [...] “a industrialização, a produção científica que privilegia o intelecto em detrimento da força muscular, a contracepção etc.” (2004:150).

Como não existem possibilidades de concordâncias de idéias e de opiniões, no sentido de demandas feministas no Ocidente, e essencialmente no Oriente Médio, o atributo de direitos à mulher, ora legados ao homem, se mantém,

entretanto, de modo divergente nestes dois “mundos”, repletos de diferenças sociais desde a concepção de coexistência e modernidade Ocidental.

“Por uma variedade de razões, [...] relativamente poucos pensadores e políticos médio-orientais abraçam valores liberais ocidentais: constitucionalismo, parlamentarismo, democracia, direitos humanos e individualismo permaneceram como a opção de minorias. Em geral, tais princípios foram considerados incompatíveis com a identidade tanto muçulmana quanto árabe ou turca.” (DEMANT, 2004: 82).

Por isso, é primordialmente essencial repensar no quanto uma religião exerce grandes influências sobre modos de vida dos membros da Humanidade, e conseqüentemente, semelhantes ascendências podem variar, de um lugar para o outro, de civilização para civilização, pois pesquisas realizadas demonstram que [...] “Hoje perto de 95% da população do Oriente Médio é muçulmana [...], e quando o islã chegou ali, possivelmente 95% era cristã” [...] (DEMANT, 2004:16).

Assim, torna-se necessário demonstrar as diferenças básicas entre as palavras: *muçulmano* e *islã*.

O termo inicial refere-se aos fiéis que seguem a religião (conhecida também pela palavra *Islamismo* – é uma crença monoteísta, baseada nas mensagens propaladas pelo profeta “Maomé” - (570-632 DC, apresentadas no Livro Sagrado: *Corão* ou *Alcorão*), presente no berço da sociedade oriental árabe peninsular, desde o século VII, resultando na divisão da ortodoxia em três fases distintas da história:

[...] “Numa primeira onda, nos séculos VII a XI, os árabes expandiram o islã para o Oriente Médio e a África do Norte e estabeleceram não somente o mais extenso estado do mundo, mas desenvolveram uma civilização original e avançada: é a fase clássica. Num segundo estágio, nos séculos XI-XIV, o islã sofreu reverses no Oriente Médio, mas continuou sua expansão na Ásia central e Índia: é a Idade Média muçulmana. O terceiro estágio, do século

XV até XVIII, viu a renovação do dinamismo numa série de eficientes “impérios da pólvora” muçulmanos, baseados na supremacia conferida por seus canhões – o otomano no Oriente Médio, o safávida no Irã, os grão-mughals (imperadores muçulmanos) na Índia entre outros – com a propagação da fé para a África e o sudeste asiático”. [...] (DEMANT, 2004:37).

Já o elemento secundário; ao próprio sentido da palavra, ou seja, “submeter”, e representa exatamente o que os fiéis devem, não apenas “ser” submissos, como também ter a obrigação de “fazer” dessa submissão algo mais que sagrado, a qual se insere ao cotidiano de cada cidadão, tornando-se parte integral da vida.

Segundo Peter Demant, o termo islã, é usado também para definir determinadas áreas geográficas e civilizações, como a península arábica ou o chamado Oriente Médio, onde a religião islâmica é predominante. (2004:14).

Portanto, isso indica que além de obedecer às leis e as vontades de Deus (*Alá*), conforme a tradição, os crentes são obrigados a aceitar tal submissão, não como um dever qualquer de todo cidadão, mas como uma obrigação de conversão ao islã.

Dentre os adeptos à doutrina, sobremaneira, tudo no que se diz respeito ao modo de comportamento das pessoas, o da mulher, que se torna mais explícito na sociedade, principalmente, no islã, no qual se mostra grande comprometimento em torno do posicionamento feminino. Esta problemática em relação à segregação sexual é evidente nas relações interpessoais que cercam a mulher.

Uma condição característica da mulher muçulmana, atestada por meio da veracidade a respeito de sua submissão, é a de ser vista isolada, razão disto é o controle da sexualidade, de modo muito mais contundente que no Ocidente, este assunto será abordado mais adiante.

Tais procedimentos são observados, claramente, pelo gênero humano, sobretudo, no pensamento islâmico que se baseiam fundamentalmente em uma religião, ou seja, prioritariamente nos costumes tradicionais vigentes desta, sob uma miríade de formas históricas sancionadas e aprovadas pelo Profeta.

Em relação ao islã, os muçulmanos dividem-se em dois grandes grupos: Sunitas e Xiitas. Estes são conhecidos como líderes da comunidade e continuadores da missão do profeta, e partidários de Ali (marido da filha do profeta – Fátima). Aqueles se subdividem em grupos menores: Hanafitas, Malequitas, Chafeitas e Hambanits, seguidores de Maomé, prosseguidos por mediação de seu tio, All-Abbas.

Existem duas fontes da doutrina islâmica dos muçulmanos, uma, como já foi citada, é o *Corão* ou *Alcorão*, com 114 capítulos (*suras*), organizados por tamanho, - e o maior deles tem 286 versos -, além de conter registros das mensagens dos ensinamentos de Deus ao Profeta e suas respectivas revelações, realizadas entre os anos de 610 a 632, conforme o calendário islâmico. A outra é a chamada *Suna*, conhecida como preceitos baseados em *ahadith* (conjunto de provérbios de ditos e feitos pelo profeta).

Nesse sentido, o termo “árabe” diferencia do “muçulmano”, que para muitos, tais terminologias são semelhantes ou até iguais, pois aquele diz respeito unicamente à língua oficial dos seguidores do islã que empregam essa coincidência, e tal percepção abrangente se posiciona pelo fato das palavras manifestarem semelhanças, uma e outra se restringem à península da Arábia, já que “os árabes se tornaram quase muçulmanos” [...]. (DEMANT, 2004:12).

Em virtude de pregações do profeta Maomé, e após a expansão islâmica se tornar um evento tão notório, a população decidiu adotar um padrão de cultura no

Oriente, que engloba o islã, em todos os aspectos relevantes da vida social, pública e privada, nos âmbitos: cultural e político, ora determinados pela doutrina, começando pela escolha do idioma árabe, que é a língua oficial do Livro Sagrado.

Documentada com a intenção de fazer com que as civilizações utilizem esta, como forma de dominação dos povos, e conseqüentemente, de prováveis conversões à religião, provenientes de seu uso, o que, para os fundamentalistas islâmicos, resultaria em pessoas submissas, isto é, muçulmanas.

A palavra árabe tem ligação a um povo específico, a civilização do Oriente Médio, pela constituição de uma região geográfica determinada, na qual a maioria das pessoas é adepta, sendo assim dominadas pelas leis que regem o mundo dos seguidores do islã.

Sendo assim, de um lado, o termo *Islamismo* tem o mesmo significado característico de uma prática da tradição do *islã*, isto é, da religião. Além da terminologia da palavra apontar para sua significação, “submissão”, este nome de apreço, passa a ser conhecido por outro lado, a título de conhecimento histórico pela expansão islâmica, que se inicia, sobretudo, na sociedade árabe peninsular.

Contando que os povos árabes vivem no Oriente Médio, sua grande maioria é composta de muçulmanos, mas nem todos são. No entanto, há nações muçulmanas de povos que não são árabes (turcos, curdos), e nações não-muçulmanas, como por exemplo, a povoação de Israel, constituída de grande maioria de judeus (seguidores da religião judaica).

Em outras palavras, elementos como: *islamista* e *Islamismo* fazem alusão ao movimento religioso radicado no islã político, mais conhecido atualmente pela expressão “fundamentalismo muçulmano”.

Entretanto, o crescimento de toda sociedade está diretamente ligado a uma história, uma política e uma cultura determinada.

Peter Demant, em *O mundo muçulmano*, afirma que: “o mundo muçulmano abrange, nos dias de hoje, cerca de 1,3 bilhão de seres humanos, um quinto da humanidade [...] (2004:14).

Por isso, torna-se necessário observar o modo que uma religião pode ser um diferencial na vida das pessoas de uma civilização, fato que justifica como parcelas significativas desse universo muçulmano se radicaliza e politiza suas regiões fazendo que um grande número de pessoas pertença a uma mesma religião.

O crescimento do número de pessoas partidárias ao fundamentalismo islâmico, no Brasil e no mundo, é, sobretudo, para os povos ocidentais, um fator agravante da política da religião - o islã, que tal como o cristianismo ocidental se considera [...] “uma fé expansionista e monopolista da verdade”. (DEMANT, 2004:16).

Ao falar sobre o mundo muçulmano, as pessoas sentem-se abaladas pela convivência em meio a uma civilização rígida, permeada de imposições sociais diversas, causando disparidades socioculturais, de modo peculiar, as de gênero, em conformidade com o objeto de estudo deste trabalho, já que de alguma maneira, o que é algo facilmente perceptível, nos dias de hoje, pelo fato do complicado relacionamento entre o Ocidente e o Oriente.

Assim, quando comentam a respeito da sociedade oriental, do “outro mundo”, os povos ocidentais, logo, se reportam diretamente a eventos desfavoráveis ao mundo, como, fatos relacionados ao terrorismo e à violência, sempre vistos como meios de agressão às sociedades ocidentais. Essa conclusão se origina,

principalmente, após os noticiários de ataques ocorridos nas torres gêmeas, de Nova York, no dia 11 de setembro de 2001.

Conseqüências de interesse sociológico, permeadas por moldes de valores e transformações de um determinado sentido da vida dos povos, aproximam a violência do cotidiano do povo Oriental e Ocidental, e com base em preceitos políticos do islã, crença, cuja tradição doutrinária se origina por meio de pregações de mensagens enviadas por Deus ao Profeta “Maomé”, líder religioso, membro da tribo Quirache, nascido em Meca, Arábia Saudita (centro de animismo e idolatria de muçulmanos).

Para o povo muçulmano, o profeta é o principal responsável pela fundação da religião. E as pessoas dessa comunidade (*ummah*), isto é, unidades de fiéis, acreditam no diz a tradição do grande mestre que conviveu e cresceu entre mercadores de sua cidade natal, e seu pai, Abdulá, morreu, em virtude de seu nascimento, e sua mãe, Amina, também, quando completou seis anos.

A principal revelação do profeta surge, aos 40 anos, quando vê o anjo Gabriel, quem revela a existência de um Deus único. Depois, começa a divulgar suas mensagens recebidas a um público especial, e parte deste o persegue, e então, se dirige à cidade de Medina, no dia 20 de junho de 622.

Após essa viagem, fato conhecido como Hégira (emigração), dá-se início ao calendário muçulmano, que vigora até os dias de hoje. Em seguida, no ano de 632, período de seu falecimento, sua esposa, Khadija, investe toda sua fortuna com o objetivo de divulgar a nova doutrina.

Pelo panorama histórico da sociedade, principalmente, o Oriente Médio, e da apresentação de aspectos essenciais religiosos sobre o mundo muçulmano, é observável que, não somente o islã, como também qualquer doutrina, existente na

Terra, desempenha extrema influência no comportamento da Humanidade e em suas respectivas culturas das civilizações.

Sabe-se que muitos são os fatos relacionados às políticas de imposições de poder religioso no que diz respeito às condutas da humanidade, e em virtude do objeto de estudo deste trabalho, optou-se por salientar, dentre vários aspectos, uma característica marcante: a condição da mulher submissa nos universos ocidental e oriental.

Se por um lado, há relações implícitas entre a equidade de gênero e as religiões na educação dos povos. Por outro, convém expor as impressões sobre um vínculo existente entre esta inter-relação, na qual é vista de maneira contraditória, por não ser algo universal, ou seja, significa que não é restrito a normas, a regras ou a valores iguais, porque ainda não existe um consenso válido para todas as pessoas, adultos, crianças, idosos, mas particularmente, homens e mulheres.

Estas considerações se resultam pelo fato de que as ideologias doutrinárias têm como foco principal, a utilização de suas escrituras sacras para fins de divulgação de certas desigualdades de gênero, especialmente, as que englobam a representação da mulher nas sociedades, em detrimento de sua civilidade, por intermédio de imposições abrangentes das que são sugeridas ao homem.

Nesse conjunto de formalidades, advindos de aspectos da vida material e cultural (religião, lazer, família, escola, trabalho, etc.), é observado como atividades cotidianas comuns a todos os seres da espécie humana, em todos os campos de atuação da sociedade, sejam eles do Ocidente ou do Oriente.

Em especial, os cidadãos (homens) são cercados de preconceitos de gênero. Portanto, perante a sociedade são “eleitos” como Seres Humanos superiores às mulheres. Tendo em vista as tradições que marcaram, intensamente, as culturas das

civilizações, e grande parte das mulheres tem consciência plena de suas condições, e algumas, por motivos peculiares, até aceitam serem tachadas como inferiores.

No caso das muçulmanas, o preconceito atravessa séculos, pois além de consentirem “a ordem natural” do posicionamento dos gêneros perante a sociedade, cumprem seu papel de serem submissas também às imposições islâmicas.

Mas são, de fato, tanto o oriente quanto o ocidente são repletos de conceitos o que deveria ser um sinal de respeito mútuo e consideração entre as pessoas, transformam-se em pré(conceitos), tornando uma alerta de que a vida da mulher é pouco priorizada em muitas camadas da sociedade.

[...] “Limitações biológicas ditavam, na maioria dessas sociedades, uma partilha de funções socioeconômicas e condenavam a mulher a uma vida voltada à maternidade e as funções econômicas subalternas. Essencialmente, a fecundidade da mulher era considerada um recurso econômico do grupo da mesma forma que o gado, o trigo e o dinheiro”. [...] (DEMANT, 2004:150).

Contudo, todas as religiões posicionam a mulher numa situação de descrédito na sociedade, e, de alguma maneira, num patamar de submissão perante aos homens. Este entendimento se concretiza, desde o conhecimento de que o Cristianismo e o Judaísmo seriam as primeiras religiões, cujas tradições teriam um quantitativo de exigências muito significativas na questão da moral da humanidade.

Condições que se tornam plausíveis, até nas escrituras sagradas, que contêm frases em textos diversos, como nos Mandamentos da Bíblia, com apontando de certas proibições e evidentes provas, e até meras diferenças entre homens e mulheres. Exemplo disto é o mandamento que infere aos homens que não se deve “desejar a mulher do próximo”.

Sob essa perspectiva, conclui-se então, que o homem é aquele que “respeita” aos outros seres semelhantes e a ele mesmo, aqueles que são homens iguais a eles, e principalmente “Ele mesmo”, justo por isso que não talvez seja o motivo dele não “poder” desejar a mulher de seu colega, homem. Prova concreta de respeito dirigido ao homem e não à mulher.

Tal comprovação é perceptível também em manuscritos diversos da Bíblia Sagrada, no Cristianismo e em outras ortodoxias, onde o homem é classificado como o único “ser” dotado de perfeição:

[...] “a mulher era delineada também como figuração do imperfeito, sendo o homem a representação da perfeição. Com isso a conquista da perfeição da mulher deveria passar obrigatoriamente por sua transformação em homem”.
[...] (BIRMAN, 1999: 62).

Talvez seja por isso que, no Oriente Médio, não se permite, em muitas situações, que seja feita qualquer consideração em relação à mulher, visto que esta já é mesmo taxada, por vários adjetivos, eis alguns deles: “sedutora”, “maldita”, “funesta”, etc.

Esses questionamentos demonstram que, provavelmente, as mulheres não são vistas de modo igual aos homens, pelo fato de serem obrigadas a servir seus senhores, já que até em meio de escrituras sagradas “A tradição do cristianismo radicalizou essa estrutura da feminilidade, na medida em que se identificou a figura da mulher como a experiência do pecado, baseando-se para isso no mito da sedução de Adão por Eva” (BIRMAN, 1999:62).

Por essa afirmação, é interessante analisar o porquê de tantas exigências nas quais indicam respeito ao homem do próximo, e não a mulher do outro. Entende-se,

pois se assim não fosse, poderiam ter elaborado o mandamento com base em algo que pudesse referir-se não somente aos homens, de modo geral, mas também às mulheres, como por exemplo: “não desejar o homem (ou a mulher) do (a) próximo (a)”?

Nota-se que até a Bíblia Sagrada é carregada de conceitos, e pré-conceitos em relação à condição da mulher:

“De novo perguntou ele: ‘ Quem te deu a conhecer que estavas nu’? Comeste acaso da árvore da qual te ordenara que não comesses? ’ Respondeu o homem: ‘ A mulher que me deste por companheira foi quem me deu da árvore, e eu comi.
E a mulher Ele disse: ‘Tornarei penosa a tua gravidez, e entre penas darás à luz teus filhos. Contudo sentir-te-ás atraída para teu marido, mas este te dominará. ’
“E ao homem ele disse: ‘Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste o fruto da árvore a qual te ordenara: ‘Não podes dela comer’: Maldita seja a terra por tua causa” (BÍBLIA. V.T. Gênesis III, 11-17).

Sob o aspecto cultural, tanto no Ocidente quanto no Oriente, a mulher é tratada de forma diferente do homem e vista inferior a ele, em praticamente todos os tipos de atividades cotidianas possíveis e imagináveis, que exprimam dessa relação homem *versus* mulher.

Com efeito, essa situação é polêmica por gerar discussões de várias naturezas, presentes nas mais variadas camadas sociais de diversos níveis, culturas e civilizações.

Aspectos religiosos evidenciam diferenças entre os gêneros masculino e feminino, demonstrando que inferioridade feminina está calcada num contexto histórico de apreço para com todos os seres humanos. Fato aparente na

interpretação do mito de Adão e Eva, no qual julga a mulher como a “causa” de toda maldição na terra.

O próprio sentido da palavra “causa” remete as interpretações mencionadas pelos autores/pesquisadores dos livros citados, que apontarem para várias leituras/vieses que podem ser estudados a cerca deste termo e de outros significados que fazem referência à educação da mulher baseada nas religiões.

Do mesmo modo, no contexto dos países muçulmanos, considera-se que a mulher é mais sensível que o homem, e por isso, ela tem um papel fundamental na sociedade, que é o de ser submissa ao homem:

“No pensamento islâmico, a posição da mulher é inferior à do homem, situação que reflete a realidade sociológica da sociedade pré-islâmica da qual o islã emergiu, das sociedades muçulmanas históricas e do mundo muçulmano atual”. [...] (DEMANT, 2004:150).

Presume-se do ato de se submeter um fruto de toda uma tradição proveniente da cultura de determinados povos duma religião. Imposições de culturas sobre outras, imbricadas de pretextos autoritários e permanentes, fixados nas camadas sociais, que funcionam como um ciclo de dominações.

Advindas de reflexos caracterizados por normas estabelecidas pelos dominadores são como um grande “espelho” do cotidiano da humanidade – no qual mostra histórias, lendas, fábulas, e etos de assuntos e temas variados - dentre os principais, evidencia-se aqueles voltados para fatos divergentes sobre disparidades entre os sexos.

Por essas razões, observa-se o quanto o livro dos muçulmanos, Alcorão, é permeado de fatos que vão de encontro a melhores posições dos homens em relação às mulheres na sociedade, e, portanto muitas das histórias bíblicas questionam sobre a condição feminina:

Capítulo IV - Versículo 11 – “Daí aos varões o dobro do que daí às mulheres”.

Capítulo IV - Versículo 38 – “Os homens são superiores às mulheres, porque Deus lhe outorgou a primazia sobre elas. Os maridos que sofrerem desobediências de suas esposas, podem castigá-las: deixá-las sós em seus leitos, e até bater nelas”.

Capítulo XXIV – Versículo 59 – [...] “Não se legou ao homem calamidade alguma maior do que a mulher” (ALCORÃO apud LOI, 1988, pp.17-18).

Além destas inferências, em outras ocasiões, há eventos em outras esferas religiosas do mundo, que fazem referência ao comportamento da vida cotidiana da mulher, em aspectos não somente familiares, como também quanto aos modos que elas devem ou não agir numa sociedade, e no universo cultural como um todo.

Em 1280, antes de Cristo, surgiram as Leis de Manu, inseridas nos livros, onde contêm escrituras sagradas da Índia, elaboradas exclusivamente para instituições civis e religiosas, que estabelecia regras sobre a educação feminina.

Livro II – Regra nº. 213 “Está na natureza do sexo feminino tentar corromper os homens na Terra, e por esta razão os sábios jamais se abandonam às seduções das mulheres”.

Livro V – Regra nº. 148 – “Durante a infância, uma mulher deve depender de seu pai; durante a juventude, de seu marido; se este morrer, de seus filhos; se não tiver filhos, dos parentes mais próximos do marido e, na sua falta, dos de seu pai; se não tiver parentes paternos, do seu soberano; uma mulher não deverá governar-se nunca ao seu bel-prazer”.

Regra nº. 154 - “Mesmo que a conduta do marido seja censurável, mesmo que este se dê a outros amores e careça de boas qualidades, deve a mulher virtuosa, reverenciá-lo como a um Deus”.

Regra nº. 156 – “Uma mulher virtuosa que deseje para si a mesma morada de felicidade de seu marido, não deve fazer nada que possa desagradá-lo, durante a sua vida ou após a sua morte”.

Livro IX – Regra nº. 5 – “Acima de tudo, deve-se resguardar as mulheres das más inclinações, por pequenas que sejam; se as mulheres não fossem vigiadas, fariam a desgraça de duas famílias” (LEIS DE MANU apud LOI, 1988, pp. 3-4).

Ao refletir sobre as citações acima, é notório que o processo de desenvolvimento da capacidade, física, intelectual e moral do gênero feminino difere do masculino, não apenas em culturas distintas, mas também de modo bastante semelhante, em diferentes épocas da história das sociedades.

No entanto, dentre séculos marcados em meio a violências, em toda parte, percebe-se que sempre existiu uma complexa revolução cultural, onde os seres humanos são praticamente obrigados a mudar modelos, hábitos e padrões de vida, outrora, estabelecidos, conforme num padrão social.

Atualmente, existe um modelo de uma sociedade quase que “completo”, por causa da modernidade e da tecnologia. Entende-se por essa autodefinição, a existência de grandes transformações na conjuntura histórica da sociedade, como escolhas variadas, necessariamente materiais que espirituais dos cidadãos. Exemplo, grande parte das pessoas dá preferência aos valores modernos do mundo ocidental que do oriental.

Apesar de existirem diversas restrições neste, sobretudo pelo viés religioso, algo que prevalece com muita frequência em ambas as culturas são os moldes tradicionais, calcados na hierarquia e no autoritarismo da sociedade patriarcal fundamentadas em aspectos (políticos, históricos e antropológicos). Esses esclarecimentos constatarem o quanto o gênero feminino é esfacelado, portanto, [...]

“Tal inferioridade, contudo, não é exclusiva do mundo muçulmano, pois ela se encontra, sob formas diversas, em quase todas as sociedades pré-modernas”. [...]. (DEMANT, 2004:150).

A precisão de mostrar vários exemplos sob a ótica oriental, como os mencionados ao longo deste trabalho torna-se evidente, já que o objeto de estudo trata especificamente desse espaço romanesco.

Portanto, é necessário acrescentar que alguns conceitos, presentes nas múltiplas formas de representações do feminino, não somente sob a cultura oriental, mas também de modo que se possa fazer um estudo mapeador sobre o gênero feminino, interpretações variam em meio a diversas situações, de acordo com questões socioculturais, que normalmente são elaboradas e direcionadas no universo masculino.

A partir deste parágrafo, observa-se o significado dos seguintes termos: *mulher, homem, feminino, masculino e feminilidade*. Ao fazer referências quanto ao termo “mulher”, diz-se respeito à condição da mulher, em virtude de enfatizar seu gênero sexual, como um indivíduo na cultura islâmica, o mesmo vale para “homem”. As palavras: “masculino” e “feminino” remetem ao discurso de ambos. Visto que a mulher pode apresentar um discurso masculino e o homem, um feminino. “Feminilidade” significa singularidade, o modo de expressão como experiência.

Nesse sentido, cabe estudar o enigma da palavra *feminilidade*, pelo campo teórico da psicanálise, no qual se podem revelar diversas modalidades de interpretação no campo de leituras diversas e críticas a respeito da invocação de certas curiosidades, ou até mesmo de teorias sobre o que há por trás de dessa obscuridade.

A própria *feminilidade* se afirma no campo de duas palavras: *enigma* e *aventura*. Ou seja, entende-se que os três termos se associam, de modo íntimo, pelo fato de serem totalmente familiares na leitura proposta neste trabalho.

Entender essas estratégias teóricas, dadas à compreensão do significado de feminilidade no viés psicanalítico é percorrer um universo feminino que induz à Aventura, porque sugere a uma viagem infinita composta de imprevistos, como crenças, mitos, e tudo que corresponde ao limite do indizível.

Essas asserções explicam o motivo da extensão da feminilidade se ajustar a registros provenientes da psicanálise, nos quais buscam explicar o porquê deste ser diferente da representação do masculino, onde se baseia numa totalidade e domínio das situações, das coisas e dos outros.

Por isso, Joel Birman, em seu livro *Cartografias do Feminino*, esclarece que o homem é representado pelo falo, isto é o pênis, no qual os membros da sociedade atribuem a função proposital de se manter numa posição abrangente, total. Contudo, a postura da feminilidade é mesmo a de se voltar para si mesmo, se posicionando, sempre em sua singularidade.

[...] “o território da feminidade corresponde a um registro psíquico que se opõe ao do falo na tradição psicanalítica, sendo o seu contraponto nos menores detalhes. Enquanto pelo falo o sujeito busca a totalização, a universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela feminilidade o que está em pauta é a postura voltada para o particular, o relativo e o não-controle sobre as coisas. Por isso mesmo a feminilidade implica a singularidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distantes da homogeneidade abrangente da postura fálica”.[...] (BIRMAN, 1999:10).

Nessa perspectiva, observa-se que a feminilidade tem uma relação mútua com a postura heterogênea, que é a marca da diferença de um sujeito em relação

ao outro. No entanto, pela abordagem psicanalítica de Freud pode-se observar o motivo de a feminilidade ser uma fonte de uma experiência psíquica marcada de concepções que permeiam, de algum modo, o *horror*.

Com relação ao referencial fálico, essa aversão pode ser visualizada, facilmente pelo conhecimento de que a feminilidade tem como foco principal certo determinante natural, estratégico de sua essência. Que é justamente essa questão da mulher estar voltada para dentro de si mesma, isto é, posicionada em sua interioridade, pelo autocentramento na subjetividade.

Neste sentido específico, torna-se perceptível que o sexo masculino não aceita, em seu âmago, nenhuma forma de exaltação a tudo que se refere ou indica sentimento, pois esta característica é dirigida justamente ao caráter feminino. Isso também explica a razão do famoso dito popular “homem não chora”, expressão antiga muito conhecida, certamente, em todas as culturas. Um exemplo simples de uma frase utilizada no dia-a-dia, o que contribui, positivamente, ao esclarecimento do significado da compreensão do motivo de o masculino ser visto, sobremaneira, de modo divergente do feminino.

Outros exemplos verídicos de nosso cotidiano explicam muito dessas disparidades, mas o objetivo desta pesquisa não é este. Com efeito, é preciso evocar, a partir da referência dada, o que atinge o universo feminino. E averiguar que diferença seria essa que caracteriza a mulher como inferior ao homem.

Para Birman (1999:11). Freud diz que a origem psíquica do horror atinge não apenas o universo feminino, mas de certo modo, o masculino, justo pelo fato de que essa oposição de sexos tenha se constituído em torno da figura do falo, e por isso [...] “Ter ou não Ter o falo e seus atributos, seria essa questão que dividiria o mundo dos sexos e dos gêneros”.

Com base nessas asserções, torna-se viável acreditar que o gênero masculino se destaca numa posição de superioridade por apresentar o pênis como atributo do falo. Por isso Freud propõe que o sujeito que não possui o pênis como atributo do falo apresenta o sinal superior da inferioridade das mulheres e a origem proverbial de sua inveja. Assim, ambos os sexos são formados com base no referencial fálico, que se revela no viés da psique, tanto a miséria quanto ao estreitamento da condição humana, de modo positivo ou negativo.

Nessa reflexão, é preciso ressaltar como o espaço erógeno da feminilidade passa a assumir uma postura primogênita de aventura, o que nos leva a relacionar um registro da sexualidade diferente da posição fálica. O feminino, que se encontra num posicionamento *além* de sua singularidade e de sua interioridade, características relevantes que se destacam no sujeito.

Nesses termos, apesar das ambigüidades impostas por Freud no que concerne a postura superior do homem em relação à mulher pela atribuição do falo. E como a subjetividade é destacada em oposição visceral ao limite biológico da condição humana, surgem possibilidades de se adentrar num estudo diferenciado sobre os aspectos relacionados à figuração da destruição feminina.

Esse desdobramento relativo é um indício presente no senso-comum quanto ao posicionamento da mulher, e o que formaliza segundo imaginário popular, através da crença em paradoxos variados a respeito da relação de gêneros.

A discussão em pauta diz respeito o que está por trás desse embate das disparidades sexuais. Isso se deve a relação complexa que a mulher estabelece entre amor e morte. O que está em jogo em torno desses adversários é o desejo. Dessa forma, perfila-se numa indagação sobre crucial sobre a natureza de todo e qualquer desejo.

Já que os ditames do *desejo* são o que justificam atribuições ao horror à figura feminina, ou à causa de todo tipo de destrutividade fundamental. Esse caráter presente em ascendentes remotos e imemoriais é o ponto de colisão do desejo, pois nele se inscrevem questões relacionadas tanto à morte quanto ao amor.

Trata-se de uma postura destrutiva em face da necessidade de existir um lado bom e um lado ruim dos fatos ocorridos em nosso meio, um desdém diante da vida. O desejo invoca questões polêmicas em torno de apontam para experiências de vida. Pelas asserções descritas sobre críticas diversas, é importante afirmar que, a respeito da representação feminina na sociedade, tem-se como principal foco no objeto de estudo desta monografia, o conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” do “Livro das Mil e Uma Noites”, a personagem Sherazade, conhecida no contexto das Mil e Uma Noites.

Neste trabalho, o desejo não se remete a questões da ordem do amor, em favor da vida, mas sim do aniquilamento e da supressão da vida, justamente pelo fato da natureza do desejo se vincular a ordem da destruição. Até mesmo pela interpretação de ser a mulher a causa de muitos males.

Dentre essas variações contundentes, uma questão relevante é a ruptura de, ao menos, um dos padrões convencionais num universo político. Este objeto específico é o discurso. Uma definição básica dessa palavra se aplica ao simples fato de ser, antes de qualquer suposição, uma exposição metódica sobre determinado assunto, discorrida por meio da expressão oral. Nesse aspecto, considera-se que o gênero masculino sempre esteve sempre à frente deste e de outros moldes estabelecidos na sociedade, justamente pela crença de que, por várias razões, política, religiosas, históricas e antropológicas, as mulheres, até o

presente momento, não podem, de forma alguma, se posicionar diante decisões importantes na esfera de quaisquer categorias social, somente os homens.

Fato que nos leva a refletir, em torno da hipótese de que há duas formas separadas de existência dos gêneros humanos. Uma seria o lado masculino, a outra o feminino. Por eles funcionarem como duas vertentes, completamente opostas, em cenários diversificados da sociedade. Como esta pesquisa faz referência, sobremaneira, a aspectos inerentes ao Ocidente e ao Oriente, outrora, o que implica declarar que, hodiernamente a espécie humana continua preservando grande parte das tradições, em prol de manter toda uma trajetória específica espelhada no mundo, em diferentes épocas.

Entende-se assim, como existem atributos inerentes à natureza masculina, há também caracteres peculiares de ordem feminina, que classifica a feminilidade num patamar superior em vista de sua triste condição/posição social. Além do desejo, do gozo, outro emblema distintivo de gênero é que o seu destino: o da Sedução.

Para Jean Baudrillard, em seu livro “Da Sedução, esse viés torna-se inteligível a partir dessa característica exclusiva do gênero feminino, pois ela se conecta ao direcionamento oblíquo, que é o da sedução, no qual parece se organizar na ordem da natureza, mas é da ordem do artifício, e nunca da ordem da energia, porque é algo muito além do signo e do ritual”.(1992:7).

Nesse sentido, é interessante buscar com diligência o sentido da palavra “sedução”, que se liga ao termo “seduzir”. A partir do estudo em relação à significação deste termo, verifica-se a indicação de que o indivíduo praticante do ato da sedução se inclina para o bem; o mal ou em direção ao erro. Para explicar melhor essa teoria, é necessário esclarecer que o significado de quem seduz alia-se àqueles que se predisponham a se desviar, de forma oblíqua, de uma linha reta ou

de um caminho certo, “que normalmente são mulheres”. Ou até mesmo as que por propensão, se utilizam de algum artifício para fazer com que algo ou alguém mude a ordem original das coisas.

Assim como a sedução se liga a certos artifícios, signos, e até mesmo, rituais (os corporais, como a forma de olhar, por exemplo). A personagem feminina Sherazade, na obra “As Mil e Uma Noites”, se fixa em seu sonho, a fim de obter sucesso em seu projeto de vida. Ciente, do risco de perder sua vida, participa de um jogo, no qual tem paixão, mas se prepara, de forma que possa ser a dona de sua estratégia, que se vincula ao seu destino político da sedução.

“Dramaturgia ritual para além da lei, a sedução é um jogo e um destino, de tal modo que os protagonistas são levados ao seu fim inelutável, sem infringir a regra – pois é ela quem os une – e essa é a obrigação fundamental: é preciso que o jogo continue mesmo ao preço da morte” [...] (BAUDRILLARD, 1992:149).

Essa espécie de paixão une não apenas o personagem principal às regras de um jogo determinado, mas também acaba envolvendo outros participantes. Entretanto, conceitos em dicionários afirmam que a característica principal do sedutor é a de se responsabilizar por desonrar alguém, recorrendo a promessas – tal interpretação se deve a razão do poder que a pessoa que seduz tem, no sentido de saber como fazer para mudar a opinião de outrem em decorrência do foco em seus objetivos.

Por conseguinte, conclui-se que quem pratica tal ação se foca em algum tipo de fascínio, atração e/ou suborno com propósitos sediciosos.

Já que “sediciar” significa *agitar* ou *perturbar a ordem pública*, tais conceitos implicam desordem, calamidade e aniquilamento das tradições, pela comprovação de que [...] “Um destino indelével pesa sobre a sedução. [...]. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É o artifício do mundo”. [...]. (BAUDRILLARD, 1992:1).

Nota-se através da terminologia da palavra “sedução”, a pessoa que se arrisca a recorrer a prática dessa ação, mostrando-se maliciosa, pelo fato de estar, sempre, ligada às coisas mundanas, se posicionando em direção caminhos que conduzem aos artifícios maléficos, criados por intermédio desse comportamento.

Para o autor, esse infortúnio permanece impassível através da moral e da filosofia das sociedades, e atualmente, se fundamenta em duas razões. A primeira na psicanálise. A segunda na abstinência de desejo. O que justifica meras coincidências dessas asserções, no sentido de afirmar que o ato de seduzir anda quase que estagnado, permanecendo na “sombra”, [...] tendo-se tornado promocionais os valores do sexo, do mal ou da perversão, assim como tudo o que já foi maldito festeja hoje a sua ressurreição programada [...]. (1992:6).

Nessas asserções, entende-se que o poder feminino é o da sedução, já que esta permanece interligada à feminilidade, e ambas são inelutáveis. Com isso, nota-se que a potência do caráter feminino, que toma “corpo”, a partir dos aspectos característicos presentes nas artimanhas da sedução e de seus artifícios, utilizados pela figura feminina para realização de um objetivo. Exemplo disto está no enfoque dado à personagem Sherazade, a qual se destaca nesta monografia por ocupar um espaço especial na literatura universal, em razão do poder de seu discurso narrativo se inserir na sociedade muçulmana.

Assim, há de se ressaltar que o discurso feminino ou masculino (ou algo se atribui a eles, como a deslealdade ou a energia moral ante as situações aflitivas ou

díficeis) já está culturalmente definido, e somente se abala por experiências limites. Portanto, o termo “feminilidade” significa uma **atitude** de uma mulher.

Esse atributo se deve ao uso constante da ferramenta de comunicação, a palavra em cujo propósito de quem a usa não é o de apenas trazer informações ao seu ouvinte, mas, sobretudo de poder relatar os fatos conhecidos, presentes e até então inimagináveis. Esse recurso fundamental faz parte da natureza humana consciente e inconsciente, pois todos precisam se expressar para demonstrar nossas necessidades diante de nosso meio, a fim de solucionar assuntos conectados aos comportamentos das pessoas, que, necessariamente, podem ou não influir, de alguma maneira na vida de outrem. Tudo isso se deve a organização das palavras em conjunto, ou seja, num discurso específico. E assim, o entrelaçamento entre discurso e palavra, baseado num artifício, qualquer, promove ao sujeito reverências e legados especiais, em prol da concretização de seu objetivo pelo uso intenso desses recursos para determinados propósitos peculiares.

Isso não significa que as pessoas devem ser dotadas de amplos conhecimentos, de modo perfeito. Mas é importante mencionar que todos têm alguma sabedoria, exclusiva, seja nas ciências (História, Física, Biologia, Matemática, Química, etc.) ou nas artes, como a Literatura, por exemplo. Tais peculiaridades variam de sujeito para sujeito.

Por essas razões, o poder do discurso se vincula a um mérito especial daqueles que sabe articular bem as palavras, pela faculdade do “saber narrativo”, ou “persuasivo”. Estas características “rotuladas” se formam pela concepção do conhecimento de que alguém, seja sexo masculino, ou feminino, empregar, de forma convincente, a palavra, com o objetivo de alcançar alguma meta desejada, em seu benefício próprio e/ou da Humanidade. E a concretização de tal ato,

satisfatoriamente, proporciona uma transformação interior numa cultura, a qual pode sofrer transformações benéficas ou maléficas, dependendo do referencial.

Tais fundamentos se devem pela emergência de necessidades diversas que as pessoas têm, no sentido de se comunicar, utilizando um palavreado adequado, como forma de sobrevivência num meio social, e com finalidade de persuadir seu interlocutor, por intermédio das palavras ditas, de modo livre e espontâneo.

Dentre várias possibilidades de crescimento social, um deles se sobressai no discurso, pelo simples motivo de representar algo importante. Por exemplo, exercer certo tipo de *dominação sobre algo ou alguém*, e assim assumir ou vivificar um sonho.

Existem diversos tipos de artifícios que as pessoas se apropriam para concretizar algo desejado, um deles é esse “poder da palavra”, o que a figura feminina Sherazade absolve quando está no leito com o Califa. E o que se esconde por trás de seus artifícios usados (véus, roupas especiais, por exemplo)? A sina de sediciá-lo. E assim entra em cena o seu desejo, e juntamente com este sua extrema habilidade de contar histórias vigora também sua sedução, no campo de produção discursiva. Para assim, realizar o seu objetivo, considerando que [...] “nada é menos seguro do que o sexo, por trás da liberação de seu discurso [...] e nada é menos seguro do que o desejo, por trás da proliferação de suas figuras” (BAUDRILLARD, 1992:9).

A atuação do discurso feminino na obra “As Mil e Uma Noites” é o dominante. E a idéia de demonstrar seu poder do discurso narrativo, se relaciona a partir da discussão da função da personagem Sherazade, na narrativa e da constituição do imaginário social. Ambos os fatores, de certa forma, ajudam a quebrar estereótipos

de uma cultura, extremamente rigorosa e repleta de preconceitos, sobretudo em relação à mulher.

Por essas razões, surge a idéia de que o discurso é algo, certamente, politizado, e para a sociedade, em especial, o mundo muçulmano, quem lhe confere o Direito de “saber e poder” fazer uso da palavra, como prática atribuída ao homem.

[...] “as mulheres foram coagidas a usar uma linguagem neutra separadamente, foram ensinadas a ser “vistas e não ouvidas”, então se poderia ensinar-lhes a serem lingüisticamente afirmativas;” [...] (NYE, 1995: 206).

A citação de Nye retoma aos conceitos institucionalizados na Humanidade, abordados no início deste capítulo, em vista de desigualdades sexuais, especificamente, da sociedade muçulmana, cuja civilização é quase, que totalmente, formada de grupos fundamentalistas. Os quais têm o predomínio de adeptos tanto à religião, que outorgam as leis islâmicas, registradas no livro sagrado, o Corão ou Alcorão.

Nesse sentido, o poder do discurso feminino pode ser apreciado nas obras das narrativas das “Mil e Uma Noites”, de forma ampla e concisa, pela revelação da natureza profunda de Sherazade, pela força mágica da voz de suas narrativas, a qual enfrenta, a cada lance, a opressão e a morte, pois [...] “Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio da sua imaginação”.(PIÑON, 2004:7).

Assim como a riqueza das narrativas da obra é alvo de inúmeras discussões na sociedade, dentre vários estudiosos, eruditos, pesquisadores e historiadores,

muitos até estudam a cultura da sociedade muçulmana, num viés, essencialmente, antropológico, com enfoques em assuntos que tratam, especialmente da condição da mulher oriental.

“A idéia da mulher como contadora de histórias para crianças na figura de má ou de mãe é muito forte no ocidente. Parece que esta associação das mulheres às histórias narradas para diversão é também bastante antiga no oriente. Coube a Sheherazade manter viva no reino, coube aos contos manter a identidade do povo árabe mesmo que se recorra a história de mulheres, ao fantástico, ao cômico, ao dia-a-dia do povo e até da realeza” (<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/sheraza.htm>).

Quanto ao gênero feminino como relevância global, o poder do discurso narrativo literário na obra rompe com toda uma tradição vigente, permeada de regras e por meio de imposições objetivas sobre a submissão da mulher perante o homem e na sociedade.

Dentre formas de dependência e de submissão feminina, parte do discurso dominante é o que dita as normas e as regras de uma sociedade. De modo democrático, nota-se que, tanto a figura feminina, quanto à masculina, pode atingir a expressão máxima do discurso.

Quanto às narrativas dos contos das “Mil e Uma Noites”, nota-se a forte presença do discurso feminino, quando a personagem decide manifestar seu discurso, por iniciativa própria, com o objetivo de suspender uma lei atroz, instituída pelo sultão Shariar, que desiludido com a traição de sua primeira esposa, indigna-se não apenas com a infidelidade de Uma mulher, mas de Todas as mulheres do reino, e então, como vingança, após se casar com as súditas, manda executá-las ao alvorecer do dia seguinte.

Nesse cenário, Sherazade enfrenta seu pai e desafia a morte, com o propósito de mudar essa realidade, e intervir na execução das mulheres. Sua atitude, isto é, seu discurso feminino, se deve ao fato da necessidade de narrar para salvar vidas, para convencer o soberano a mudar suas concepções a respeito das mulheres. E assim preservar sua vida e, sobretudo, libertar todas as outras do carrasco, como também, permitir que elas continuem com o ciclo da vida, a fim de constituir novas gerações futuras.

Para a jovem, narrar faz parte de sua própria vida. Com isso, considera-se que narrar = viver. Portanto, se apropria de um plano, que tem início desde a narrativa do primeiro conto, simplesmente com o pedido ao sultão de continuar a narração na próxima noite. Além de sua esperteza, imagina todos os artifícios para conseguir convencer o rei de adiar sua execução. Pois, como se sabe, as pessoas se confrontam, quotidianamente, com a morte, de múltiplas maneiras, e mesmo assim, não aprendem a conviver, efetivamente com essa situação, de modo que a retifique a ilusão da imortalidade. Como a experiência da morte, normalmente causa algum tipo de desconforto, algo da ordem do escândalo, do medo ou do desespero insólito, mesmo assim, a contadora de histórias não abandona seu sonho, e como forma de sabedoria, não dá espaço ao medo, até porque, tem consciência de que é mortal, e por isso narra para continuar vivendo, e não se ilude em pensar que é imortal, pois até então [...] “A subjetividade é tocada então pela morte, na sua pretensão à eternidade” [...] (BIRMAN, 1999:139).

Então, nas noites seguintes, prossegue seu planejamento estratégico, com satisfação e o intento de despertar no rei a curiosidade de saber o final de cada conto, permeando detalhes do cotidiano, além de lutar a favor da valorização da vida, sobretudo, a das súditas.

Após o ponto de partida, a contadora de histórias focaliza-se em sua capacidade criadora feminina. Por meio de seu ato de coragem, em fazer em seus discursos narrativos, com abordagens sobre fatos e situações diversas, em especial assuntos que tratam de questões do gênero feminino na sociedade. Trabalha, de tal modo que emprega uma linguagem culta e encantadora que permite contar histórias fantásticas, onde são relatados o cômico, o maravilhoso, a tragédia e a mulher.

Permeados de um vocabulário rico em figuras e estilos de linguagens distintas, o discurso narrativo dos contos é conhecido na História cultural da sociedade, por permitir um resgate da identidade cultural consolidando valores sociais representados na ordem social e cultural do povo muçulmano.

“Assim, nenhum documento Histórico, nenhum código de leis, nenhum livro religioso é mais ou menos importante do que este manuscrito, para que se realize uma pesquisa que diga a respeito ao povo árabe. Cada um destes recursos oferecerá um tipo de material, mas se o interesse é considerar as relações entre homens e mulheres, a melhor fonte é aquela que exprime suas palavras, suas fantasias, pois conhecendo o imaginário do povo, certamente poderemos compreender as relações sociais, políticas e religiosas que estão em jogo”.
(<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/sheraza.htm>).

Como a tradição diz que o homem é superior à mulher, por ser o único Ser perfeito, em todos os sentidos. Sherazade afasta a idéia de que a mulher é inferior ao homem, com seu ato de coragem, pela mediação de todo o processo de submissão das mulheres. Assim, na obra, apresenta uma lição de moral de que as mulheres têm valor, demonstrando que aquela cultura, pretensiosamente masculina, requer participação social tanto de homens quanto de mulheres.

Portanto, no cenário das “Mil e Uma Noites”, Sherazade, com o propósito de conquistar seu objetivo, se opõe as desventuras que atinge os lares do reino de

Bagdá. E se oferece ao Califa, que curioso em ouvir o conto inacabado, permite que a contadora de histórias alcance sua sina.

Apesar de enfrentar muitas dificuldades, até daqueles que conviviam junto dela, que por algum motivo, talvez até mesmo por medo, não acreditavam em sua capacidade de conseguir salvar as mulheres do carrasco.

“Os sentimentos que a jovem inspirava faziam que teólogos, filósofos, ilustres tradutores, aí incluindo seus mestres, se reunissem pesarosos diante das portas do palácio do Vizir, e ajoelhados, com os olhos postos em direção a Meca, escandissem versículos inteiros do Corão com o propósito de fazê-la desistir de semelhante ato. Na mesquita, não longe do palácio do Vizir, a turba de mercadores e mendigos, descrentes talvez da eficácia de tal holocausto, rezava também pelo sucesso da jovem que sonhava libertar o reino do maldito decreto”.(PIÑON, 2004:9).

Como em torno da jovem princesa floresciam sentimentos na iminência de desembocar um fim trágico, ela mostrava-se firme em sua decisão, demonstrando indiferente diante as reações das pessoas conhecidas, da família, em especial do seu pai, o Vizir, que atentara a própria contra a própria vida para convencer sua filha de desistir de ir em frente com seu projeto juntamente a sua irmã, Dinazarda.

Para Pinõn (2004:25), a princesa toma partido de seu objetivo, com a sede insaciável da palavra, demonstra que as palavras em suas narrativas são como um amálgama inquebrantável, por servirem de escudo para os personagens reais que desfilam diante do soberano, e apesar de serem amigáveis entre si, nem sempre pode surgir criatura da mesma família. Mais acaba por se unir, já que Sherazade tem o verbo fácil.

Portanto, com o entrelaçamento de suas palavras é um de seus artifícios que compõem a força da voz de sua narração das suas histórias. Assim, pelo instinto da

aventura narrativa e pela paixão pela justiça, concretiza sua sub-missão através do poder do discurso de suas narrativas, mostrando que não somente os homens possuem o poder da palavra, em caráter político natural, mas que também as mulheres têm a total capacidade do saber articulado.

No capítulo III, será analisado o conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa”, publicado no “Livro das Mil e Uma Noites“, traduzido diretamente da língua árabe para a portuguesa, pelo professor de literatura árabe da USP, Mamede Mustafá Jarouche. O objetivo é fazer uma desconstrução do discurso narrativo de Sherazade. Esta análise torna-se necessária, a partir do propósito de identificar a obra como processo de atemporalidade da linguagem poética.

CAPÍTULO III

A DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO DE SHERAZADE, NA OBRA “AS MIL E UMA NOITES”, COMO PROCESSO DE ATEMPORALIDADE POÉTICA

O objeto de estudo, o conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa”, do “Livro das Mil e Uma Noites”, publicado e traduzido no mesmo livro, por Mamede Mustafá Jarouche, refere-se às 63^a a 66^a noites. Nele se apresenta uma história narrada pela personagem Sherazade. Em cujo enredo se inicia com indícios da noite anterior. Como se sabe, a narradora já em sua 1^a noite ao lado do rei Shariar começa a narrar uma história a qual se prolonga por mais 1000 noites.

Assim como no trecho e na síntese constam referências da história relatada na noite 62^a. O conto selecionado é uma continuação da história de “Ja^cfar, o Vizir”, contada por Sherazade, que reconta o final da história contada na noite anterior.

Conta-se que a jovem, dona da casa, ao ouvir Ja^cfar, o vizir, como porta-voz do comandante dos crentes, narra ao califa sua história sobre as duas cadelas pretas, suas irmãs. São três irmãs de pai e de mãe – as duas jovens, filhas de outra mãe, uma tem marcas de chicotada, e a outra, é compradeira. O pai delas morre. Após a divisão da herança, as três moram com a mãe. As duas jovens, com a mãe delas. Após um tempo, morre a mãe. Dividem igualmente a herança entre as três. A jovem fica sozinha. As duas moças, mais velhas, se casam. O marido da mais velha arranja uma expedição e gasta todo o dinheiro e os proventos dela. Abandona-a numa terra estrangeira, com a mão na frente e a outra atrás. Após cinco anos, toda mal vestida, aos prantos, procura a irmã mais nova, a dona de casa, que a recolhe, dá comida e bebida. E divide seu dinheiro com ela. Juntas, preocupadas com a outra irmã, cujo marido também a abandona. Não demora muito, esta aparece, numa situação mais miserável que a outra. A jovem faz o mesmo que fizera pela outra. Trata-a e dá vestimentas.

Certo dia, as duas irmãs dizem que não querem mais ficar solteiras. Ela aconselha-as a não se casarem. Mas elas não ouviram os conselhos e se casam. A dona de casa prepara-as, pela segunda vez, com seu dinheiro. A mesma história se repete. Seus maridos tomam seus bens, e desamparam-nas em terras desconhecidas. Elas retornam até a jovem. Ficam todas juntas, por três anos. A situação melhora. E a jovem deseja ir com elas para uma expedição comercial em Basra. Para tal viagem, arruma uma grande embarcação, com muitas mercadorias e artigos necessários. De repente, ficam todos perdidos em alto-mar, por vinte dias. Desembarcam numa cidade parecida com uma pomba branca. Lá a jovem chega aos portões da cidade, e vê pessoas com bastões nas mãos. Ao se aproximar delas, percebe que elas e toda a população transformaram-se em pedra dura. Vai ao limite da cidade, onde visualiza uma porta, revestida de ouro vermelho e uma cortina de seda e um lampião. Acha esquisito não haver ninguém no local, mas entra. Neste, por uma das portas, se topa com um aposento, e outros. Não encontra ninguém. Em seguida, se aproxima de aposentos habitados por mulheres, e chega a um apartamento encimado por uma insígnia real. Vê uma rainha – a esposa do rei – vestida com roupas de pérolas e sua coroa cheia de pedras preciosas. E no palácio, tapetes de seda, salpicada de ouro. No centro, uma cama de marfim, com duas romãs de esmeralda verde. Sobre a cama, uma baldaquino, na qual tinha uma pedra preciosa do tamanho de ovo de avestruz. Mesmo sem ver ninguém na cama de seda, nota duas velas acesas. Nem na cozinha havia um sinal de alguém. Anoteceu. Procura abrigo. Deita num colchão. No meio da noite, ouve uma voz salmodiando o Alcorão. Dirige ao aposento de onde vem a voz. No santuário percebe um rapaz sentado. Fica intrigada, e pensa como todos teria sido amaldiçoados, menos ele. Quando ele a vê, pede-a que conte sua história. Ela conta, com a condição dele dizer o que sucede a ele e aos habitantes de sua cidade. A dona de casa relata sua história, e como a embarcação permanece navegando por vinte dias. Ele a acomoda ao seu lado. O coração da jovem fica arrebatado de amores por ele. Pede-o que conte sua história e a de sua cidade. Ele

conta. Dorme a seus pés. Vão juntos a embarcação. Quanto às suas irmãs, as duas cadelas, ao verem o rapaz, ficam com inveja e planejam o mal contra a dona da casa. Após saírem, em viagem, a jovem disse às irmãs que o rapaz se casaria com ela. Prosseguem ao Mar da Segurança e navegam até o porto de Basra. Dormem. No meio da noite, as irmãs atiraram o rapaz e a moça no mar. Ele se afoga. Ela se salva, e percebe então que suas irmãs tinham a atraído. Agarra-se em rochedos a noite inteira. Ao alvorecer, se abriga em terra, na qual golpeia uma serpente. A cobra abre asas e voa. Dorme. Ao acordar, vê uma escrava negra, massageando seus pés. E ao lado dela, estavam as duas cadelas pretas. Pergunta quem é ela. Ela diz que é aquela a quem fez um favor em quem plantou a semente da gratidão, a cobra. Ordena que afundem o navio, e transforma suas irmãs em cadelas pretas, por saber que apesar da generosidade, as irmãs lhe invejaram. E avisa à dona de casa que se desobedecer às suas determinações, a rapta e aprisiona no subsolo. Em seguida, se chacoalha e torna-se algo semelhante a uma ave. Voa com ela e suas irmãs, e as deixa em casa. A jovem olha em seu interior, e vê que seus bens foram transportados para lá. A escrava faz a sua segunda jura, diz que se a dona da casa desobedecer a transformaria também numa cadela. Diz que ela deve aplicar toda noite trezentas vergastadas em cada uma das irmãs, a título de punição pelo que fizeram. Então ela se foi e deixou a dona de casa. Seu íntimo condói, mas esse é o motivo de sorrá-las. Ambas sabem que ela não é culpada. Eis aí a estória da dona da casa. (JAROUCHE, 2005, p. 187-195).

A problemática que originou a pesquisa foi a de comprovar neste conto, a presença de elementos que comprovem como o poder do discurso feminino, da personagem Sherazade, caracteriza a atemporalidade da linguagem poética nos contos da narrativa da obra “As Mil e Uma Noites”, podendo ser evidenciada com os exemplos destituídos do texto:

1 – A subserviência da mulher:

[...] - “O marido da mais velha pegou o dinheiro de ambos, montou uma expedição comercial e saíram os dois em viagem.” [...]. (JAROUCHE, 2005:187)

[...] - “o marido acabou dilapidando todo o dinheiro e os proventos de minha irmã. Não cuidou dela, abandonando-a ao deus-dará em terra estrangeira, e obrigando-a a se virar e tentar sozinha encontrar o caminho de volta” [...]. (JAROUCHE, 2005:187)

[...] - “Ficamos ambas preocupadas com nossa outra irmã [cujo marido também pegara o seu dinheiro, comprara mercadorias e saíra com ela em viagem; havíamos perdido totalmente o contato com ela].” [...]. (JAROUCHE, 2005:188).

[...] - “Mas não demorou muito e essa outra irmã voltou em situação ainda mais miserável do que a nossa irmã mais velha.” [...].(JAROUCHE, 2005:188).

[...] – “Não se passou muito tempo e seus maridos conseguiram convence-las, tomaram-lhe os bens e viajaram com elas, abandonando-as em terra estrangeira”. [...]. (JAROUCHE, 2005:188).

[...] – “enfim, ela estava no mais deplorável estado. Ao vê-la, fiquei abalada e perguntei:” Por que você está nessa situação?”“. Ela respondeu: “As palavras já não resolvem nada: ‘O cálamu executou o que fora decretado’”. (JAROUCHE, 2005:188).

2 - O poder de persuasão:

[...] - “Sucedeu-me uma história espantosa e insólita, que se fosse escrita com agulhas, no interior das retinas, constituiria uma lição para quem reflete”. [...].(JAROUCHE, 2005:187).

[...] – “Mas elas não deram importância às minhas palavras, ó comandante dos crentes e casaram-se sem a minha autorização”. (JAROUCHE, 2005:188).

[...] – “quando cheguei diante dos portões, vi pessoas em cujas mãos havia bastões; aproximei-me e constatei que eram amaldiçoadas, que se tinham tornado pedra”. (JAROUCHE, 2005:189).

- “Atravessei os portões, adentrei a cidade e vi que as pessoas nas lojas do mercado tinham sido tomadas em pedra dura e que a cidade ‘não tinha nas casas quem assoprava as brasas’. Então, perambulei pelo lugar, constatei que toda a sua população fora transformada em pedra dura” [...]. (JAROUCHE, 2005:189).

[...] – “Olhei para o jovem, e esse olhar foi seguido por grande aflição: meu coração foi arrebatado de amores por ele, a quem eu disse: “Meu amo, amado de meu coração, conte-me a história da sua cidade””. (JAROUCHE, 2005:192).

3 - Preservação da identidade feminina:

[...] – “Contemplei-lhe o rosto, e eis que era como o plenilúnio quando surge, e gracioso de formas” [...].(JAROUCHE, 2005:191).

[...] – “Irmã, você é mais velha e ocupa o lugar de nossa mãe. Meu dinheiro foi abençoado por Deus: eu produzo e fio seda. Meu capital cresceu e se multiplicou, e será dividido igualmente entre mim e você”. (JAROUCHE, 2005:188).

[...] -“Irmãs, o casamento já não produz nenhum benefício. São poucos os homens de qualidade. Deixem disso e fiquemos juntas”. (JAROUCHE, 2005:188).

[...] – “Encontrei a rainha – a própria esposa do rei! – revestida com uma roupa de pérolas, cada qual do tamanho de uma amêndoa; em sua cabeça havia uma coroa cravejada de pérolas preciosas”. (JAROUCHE, 2005:189).

[“...] –” Embarcamos todos muito contentes com os lucros. Mas mais feliz do que todos estava eu, por causa do jovem”. [...].(JAROUCHE, 2005:193).

4 - Preservação dos costumes do povo muçulmano:

[...] – “No meio da noite ouvi uma voz de timbre suave salmodiando o Alcorão”.
(JAROUCHE, 2005:190).

[...] - “o jovem tirou o exemplar do Alcorão de sua frente, depositando-o no nicho que indicava a direção de Caaba” [...].(JAROUCHE, 2005:191).

[...] – “espiei pela fresta e via algo como um santuário para recitação, algo como um nicho para as preces” [...].(JAROUCHE, 2005:190).

[...] – “entrei no santuário e cumprimentei o rapaz dizendo:” Louvores a Deus, que atendeu aos meus rogos por seu intermédio. Isso será o motivo da nossa salvação, da salvação de nosso navio e de nosso regresso para a nossa gente. Ó santo homem, em nome daquilo que você recitava, responda-me uma pergunta”.
(JAROUCHE, 2005:190).

[...] – “estas duas cadelas, ó comandante dos crentes, ao verem o rapaz foram tomadas de inveja e passaram, em seu íntimo, a planejar o mal contra mim’.
(JAROUCHE, 2005:193)”.

[...] –“assim que chegarmos à nossa cidade de Bagdá, eu me oferecerei a você em casamento, como sua serva; serei sua esposa e você, meu marido.” (JAROUCHE, 2005:193)”.

A partir de uma análise profunda e exaustiva do conto surgem questionamentos diversos sobre assuntos inerentes à condição da mulher na narrativa da obra “As mil e uma noites”, sob o viés do discurso feminino elaborado por Sherazade. Vários conceitos são formulados e reformulados a respeito da representação figura feminina na sociedade muçulmana, sobretudo por conta dos costumes do povo.

A questão do poder do discurso da personagem é destacada pela notória criatividade. Nessa ótica, a estratégia de contar histórias é infalível, e assim, percebe-se no encadeamento lógico de uma riqueza da narrativa de suas [...] “fábulas de terror e de piedade, de amor e de ódio, de medos e de paixões desenfreadas, de atitudes generosas e de comportamentos cruéis, de delicadeza e de brutalidade”. [...] (JAROUCHE, 2005:9).

Em especial, em relação ao tema proposto no objeto de estudo desta monografia, destaca-se, sob o viés do discurso literário, o poder da personagem como processo de atemporalidade poética, em vista da obra “As Mil e Uma Noites”.

Estes exemplos demonstram que o argumento-eixo das narrativas das “Mil e Uma Noites” é marcado por estabelecer uma profunda ligação com o viés crítico do discurso feminino e, pela transcrição de fatos específicos do contexto social. Assim, é perceptível a transversalidade contida nos textos da personagem. Tal critério se observa de várias maneiras, sobretudo pelo fascínio da arte de narrar de Sherazade, e de sua sabedoria em lidar com as palavras.

“O argumento-eixo (Sherazade e o rei) tem como alicerce uma problemática existencial (a das relações homem-mulher, baseadas no Amor e no mútuo Conhecimento profundo, como meio de realização interior do ser), problemática essa que filia o núcleo dessas caudalosas narrativas à natureza do conto de fadas”.(COELHO, 1998:27).

Para Nelly Novaes Coelho, a problemática corresponde, justamente, a dupla interpretação em relação à imagem da mulher. Por exemplo, algumas personagens das narrativas que são vistas como “puras” (Sherazade, e algumas princesas), outras; “impuras” (todas as outras personagens femininas que habitam o universo luxuoso da narrativa popular oriental). Já que, conforme a tradição, as mulheres são como o verso e o reverso da mesma moeda.

Portanto, conclui-se a pesquisa, por meio da estratégia da narrativa de Sherazade que tanto no conto escolhido quanto em toda obra, por seu caráter de ligação de dados, pois a narração dos contos é como um tecido que tem os fios entrelaçados. Assim, observam-se aspectos relevantes do poder do discurso feminino, que se destacam por meio a presença de elementos principais destacados nas citações retiradas do texto, que envolvem o contexto social da obra.

CONCLUSÃO

Na pesquisa, foi observado que o poder do discurso da personagem Sherazade da obra “As mil e uma noites” está presente no conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” e em todo discurso literário, apresentado nas traduções dos contos dos manuscritos originais árabe. Pois é perceptível que seu discurso comovente é uma estratégia de narrativa, visto como o principal elemento norteador que caracteriza a atemporalidade da linguagem poética.

Por essas razões, toda a narração da obra é formada pelo caráter de ligação de dados. Técnica usada para organizar as palavras como os fios de um tecido, que são entrelaçados entre si, formando uma unidade. Para isso, a imaginação da narradora se multiplica e expande-se a cada noite. Já que a curiosidade do califa ligada à criatividade da princesa faz com que ela construa seu saber narrativo.

Além da capacidade de despertar nos interlocutores a curiosidade de saber o que irá acontecer em cada história relatada, a linguagem e o poder do discurso de Sherazade se concretiza em todas as histórias dos contos registrados nos exemplares da obra completa “As mil e uma noites”.

As narrações dos contos têm uma mesma lição, que se repete ao longo de todos os contos, mas não perdem seu valor narrativo, porque o efeito de sentido de seu discurso, a repetição, não é algo negativo, pelo contrário. Por intermédio do poder deste, criam-se inúmeras possibilidades de contar uma **mesma** história com palavras diferentes. Já que dentre as narrativas das histórias existem outras riquezas infinitas, que podem ser apreciadas nos enredos das transcrições dos contos maravilhosos. Comprova-se então que as palavras são mesmo como um tecido que contém os fios entrelaçados, e os textos constituídos formam-se uma perfeita ‘tessitura textual’.

Por esses e outros motivos, o discurso de Sherazade é transversal. Fato observável tanto em textos específicos, entrecchos e em todo contexto social da obra. Nota-se por meio da persuasão e da facilidade de lidar com a palavra, que a sedutora protagonista, tem o verbo precavido, como o principal artifício usado para execução de seu projeto. Em meio ao seu enigma esse recurso especial serve como fonte de inspiração. Afinal, torna-se um fruto de sua sobrevivência; de sua própria salvação e de todas as mulheres do reino.

No estudo de caso, é notoriamente observável que o discurso faz uma abordagem do contexto social da obra, onde se observam os aspectos relevantes do poder do discurso feminino. Estes se destacam por meio da atuação de alguns elementos, considerados como principais mencionados no conto analisado são eles: a subserviência da mulher, o poder de persuasão, a preservação da identidade feminina e a preservação dos costumes do povo muçulmano.

Portanto, o projeto narrativo da personagem resulta em apresentar como foco principal uma lição, a do “Sonho”, que ensina ao soberano, e a todos os leitores, que não apenas o gênero masculino tem o seu valor, mas também o feminino. Com isso a representante feminina, no contexto do mundo muçulmano demonstra que não se deve desistir dos sonhos. E, para isso utiliza o seu discurso sobremaneira como uma proposta de renovação dos valores do soberano Shariar, mostrando seu respeito a este, e a si mesma, por meio de um resgate da cultura, da identidade e a valorização do gênero feminino diante seu povo.

ANEXOS

63ª noite das histórias das mil e uma noites

Na noite seguinte, Šahrāzād disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que, ao ouvir o Ja'far lhe dirigir a palavra na qualidade de porta-voz do comandante dos crentes, a jovem dona da casa disse:

A PRIMEIRA JOVEM, A DONA DA CASA

Sucedeu-me uma história espantosa e insólita, que, se fosse escrita com agulhas no interior das retinas, constituiria uma lição para quem reflete. O fato é que as duas cadelas pretas são minhas irmãs: somos três irmãs de pai e mãe – essas duas jovens, a que traz no corpo marcas de chicotada, e a outra, a compradeira, são filhas de outra mãe. Bem, nosso pai morreu e, depois da repartição da herança, ficamos as três morando com nossa mãe, enquanto essas duas, por sua vez, ficavam em outro lugar morando com a mãe delas. O tempo passou e nossa mãe morreu, deixando três mil dinares, que dividimos entre nós, cabendo a cada uma mil dinares. Eu era a mais nova. As duas mais velhas se ajeitaram e casaram. O marido da mais velha pegou o dinheiro de ambos, montou uma expedição comercial e saíram os dois em viagem, ausentando-se por cinco anos. O marido acabou dilapidando todo o dinheiro e os proventos de minha irmã. Não cuidou dela, abandonando-a ao deus-dará em terra estrangeira, e obrigando-a se virar e tentar sozinha encontrar o caminho de volta. Foi assim que, repentinamente, após cinco anos, eu a vi chegar até mim em roupas de mendiga, andrajosa, com um manto sujo e velho – enfim, ela estava no mais deplorável estado. Ao vê-la, fiquei abalada e perguntei: “Por que você está nessa situação?”. Ela respondeu: “As palavras já não resolvem nada: ‘o cálamo executou o que já fora decretado’^[1]. Recolhi-a, ó comandante dos crentes, e imediatamente a levei a um banho; depois, tirei-a dali, coloquei-lhe roupas novas, preparei-lhe um caldo de carne, dei-lhe bebida e tratei dela por um mês. Disse-lhe: “Irmã, você é a mais velha e ocupa o lugar de nossa mãe. Meu dinheiro foi abençoado por Deus: eu produzo e fio seda. Meu capital cresceu e se multiplicou, e será dividido igualmente entre mim e você”. Tratei-a com extrema generosidade, e ela morou comigo por um ano inteiro. Ficamos ambas preocupadas com nossa outra irmã, [cujo marido também pegara o seu dinheiro, comprara mercadorias e saíra com ela em viagem; havíamos perdido totalmente o contato com ela] ^[2], mas não demorou muito e essa outra irmã voltou em situação

ainda mais miserável do que a nossa irmã mais velha; fiz por ela o mesmo que fizera pela outra, tratando-a e dando-lhe de vestir. Então elas me disseram: “Irmã, gostaríamos de nos casar, pois não suportamos ficar solteiras”. Eu lhes respondi: “Irmãs, o casamento já não produz nenhum benefício. São poucos os homens de qualidade. Deixem isso e fiquemos juntas. Vocês já experimentaram o casamento e não receberam nada”. Mas elas não deram importância às minhas palavras, ó comandante dos crentes, e casaram-se sem a minha autorização. Vi-me obrigada pela segunda vez a prepara-las com meu dinheiro. Não se passou muito tempo e seus maridos conseguiram convencê-las, tomaram-lhes os bens e viajaram com elas, abandonando-as em terra estrangeira. Elas regressaram até mim, desculparam-se e disseram: “Irmã, você tem menos idade mas mais juízo do que nós. Esta foi a primeira e a última: nunca mais tornaremos a falar em casamento. Tome-nos como suas servas em troca de uns bocados de comida”, Respondi: “Irmãs, nada me é mais caro do que vocês”, e acudindo-as, tratei-as melhor ainda. Ficamos juntas e nessa condição permanecemos por um terceiro ano. Tudo o que possuía se multiplicava, meu dinheiro aumentava e minha situação melhorava. Desejei, ó comandante dos crentes, partir em expedição comercial para cidade de Basra ^[3], e para tanto providenciei uma grande embarcação, enchendo-a de mercadorias e artigos, além de tudo quanto me fosse necessário durante a viagem. Zarpamos com bons ventos e navegamos por dias, quando subitamente nos vimos perdidos em alto-mar, assim permanecendo durante vinte dias, ao cabo dos quais o gajeiro subiu ao mastro para observar e exclamou: “Alvíssaras!”. Desceu cheio de regozijo e disse: “Vi o que me pareceu ser uma cidade semelhante a uma pomba suavemente branca”, e todos ficamos muito satisfeitos. Passaram-se poucas horas e já a embarcação atracava naquela cidade; desembarquei a fim de observa-la. Quando cheguei diante de seus portões, vi pessoas em cujas mãos havia bastões; aproximei-me e constatei que eram pessoas amaldiçoadas, que se tinham tornado pedra. Atravessei os portões, adentrei a cidade e vi que as pessoas nas lojas do mercado tinham sido todas transformadas em pedra dura e que a cidade ‘não tinha nas casas quem assoprasse as brasas’^[4]. Então, perambulando pelo lugar, constatei que toda a população fora transformada em pedra dura. Cheguei ao limite extremo da cidade e ali notei uma porta revestida de ouro vermelho, com uma cortina de seda e um lampião dependurado. Pensei: “Por Deus, que coisa esquisita! Não haverá gente por aqui?”. Entrei por uma das portas e topei com um aposento; entrei nesse aposento e topei com outro aposento; assim, pus-me a entrar de aposento em

apósito, sozinha, mas não encontrei ninguém, o que me deixou bastante apreensiva. Passei a entrar nos aposentos habitados pelas mulheres, topando então com um apartamento encimado com uma insígnia real e cujas paredes eram cobertas com cortinas tecidas a ouro. Encontrei a rainha – a própria esposa do rei! – vestida com uma roupa de pérolas, cada qual do tamanho de uma amêndoa; em sua cabeça havia uma coroa cravejada de pérolas preciosas”^[5].

E a aurora alcançou Šahārzād, que parou de falar. Dīnāzād lhe disse: “Como é agradável a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, de eu viver e o rei me preservar”.

64ª noite das histórias espantosas e insólitas das mil e uma noites

Na noite seguinte, Šahrāzād disse:

Eu tive notícia, ó rei, de que a jovem dona da casa, contando sua história ao califa, disse:

Ó príncipe dos crentes, na cabeça da rainha havia uma coroa cravejada de pedras preciosas de muitas variedades. No palácio se estendiam tapetes de seda salpicada de ouro. Notei no centro do apartamento uma cama de marfim revestida de ouro cintilante, com duas romãs de esmeralda verde. Sobre a cama havia um baldaquino composto de pérolas. Notei uma luz, um raio brilhante saindo através da rede de baldaquino e vi, ó comandante dos crentes, uma pedra preciosa do tamanho de um ovo de avestruz. Estava sobre a pequena cadeira e tinha um brilho incandescente, uma luz tão brilhante que ofuscava a vista. Não havia ninguém na cama, revestida de lençóis e coberta de seda; ao lado da almofada, duas velas acesas, tomei-me de assombro e pensei: “Essas velas não foram acendidas senão por um ser humano”. Aquele lugar me deixou efetivamente espantada. Retirei-me dali, e eis que me encontrei na cozinha, com sua adega e as despensas do rei. Continuei perambulando de apartamento em apartamento, e de lugar em lugar, até que me esqueci, de tão assombrada que estava, dos eventos que teriam sucedido aos habitantes da cidade; e a tal ponto me distraí que negligenciei a mim mesma e fui colhida pela noite. Procurei então a porta da torre pela qual entrara, e não consegui reconhecê-la. Perdi-me. Com a noite tendo entrado, deambulei por algum tempo no escuro sem encontrar nenhum local que me servisse de abrigo, com exceção daquela cama com baldaquino e velas. Deitei-me ao colchão, cobri-me e tentei dormir, mas não consegui pregar o olho. No

meio da noite, ouvi uma voz de timbre suave salmodiando o Alcorão. Levantei-me contente e caminhei na direção da voz, até que fui conduzida a um aposento cuja porta estava encostada; espiei pela fresta e vi algo como um santuário para recitação, algo como um nicho para preces, e algo como lampiões dependurados e acesos, velas e um tapete estendido, sobre o qual estava um rapaz gracioso recitando de modo escorreito um exemplar do Alcorão diante de si. Fiquei intrigada com aquilo: como todos os habitantes da cidade tinham sido amaldiçoados enquanto esse rapaz se encontrava íntegro? Isso teria alguma coisa prodigiosa. Em seguida abri a porta, entrei no santuário e cumprimentei o rapaz dizendo: “Louvores a Deus, que atendeu aos meus rogos por seu intermédio. Isso será o motivo da nossa salvação, da salvação de nosso navio e de nosso regresso para a nossa gente. Ó santo homem, em nome daquilo que você recitava, responde-me uma pergunta”. O rapaz olhou para mim, sorriu e disse: “Ó serva de Deus, conte-me primeiro como você chegou até aqui, e então eu contarei a minha história, o que sucedeu a mim e aos habitantes de minha cidade, o motivo de sua transformação e de minha salvação”. Contei-lhe pois a minha história, e como a minha embarcação singrara perdida por vinte dias. Em seguida indaguei-o sobre a cidade e seus habitantes, e o rapaz respondeu: “Devagar, minha irmã, e eu lhe contarei”, e, fechando o Alcorão, tirou-o dali e me acomodou, ó comandante dos crentes.

Então a aurora alcançou Šahārzād, e ela parou de falar. Dīnāzād lhe disse: “Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se eu viver e o rei me preservar”.

65ª noite das assombrosas histórias das mil e uma noites

Na noite seguinte, Šahrāzād disse:

Conta-se, ó rei venturoso, que a jovem dona da casa disse para o califa:

Então, ó príncipe dos crentes, o jovem tirou o exemplar do Alcorão de sua frente, depositando-o no nicho que indicava a direção de Caaba ^[6], e me acomodou ao seu lado. Contemplei-lhe o rosto, e eis que era como o plenilúnio quando surge, e gracioso de formas, tal como disse a respeito o poeta:

“Certa noite, a um astrônomo pareceu ver

gracioso talhe sobre o plenilúnio a brilhar,
 cuja luz ofuscante desafiava a do sol
 ainda escondido, deixando a lua perplexa”.

Deus altíssimo tinha-o vestido com as roupas da formosura,
 Adornando-lhe as faces com esplendor e a perfeição, tal como
 Disse o poeta:

“Juro pela sedução de suas pálpebras e por sua cintura;
 juro pelas flechas que seu encanto dispara;
 juro pela suavidade de seus membros e por seu olhar agudo;
 juro pela brancura de seus dentes e negrura de seu cabelo;
 juro por seus cílios que me impedem o sono
 e que me dominam, proibindo e ordenando;
 juro pelos escopiões que sua fronte arremessa,
 e que matam os amantes que abandona;
 juro pelo rosado de suas faces bem-feitas;
 juro pelo cristal vermelho de sua boca e pérola dos dentes;
 juro por seu agradável hálito e água doce
 que escorre de sua boca com o mel de sua saliva de vinho;
 juro por seu colo e estatura em forma de ramo,
 sentado, seu peito contém uma romã;
 juro por suas ancas que se agitam, agitado esteja
 ou parado; juro pela esbelteza de sua cintura;
 juro pelo seu toque sedoso e leveza de espírito;
 juro por toda a beleza que ele contém;
 juro por sua afabilidade e veracidade;
 juro por sua boa origem e sublime capacidade:
 é por ele que o conhecedor define o almíscar,
 e a brisa que espalha sua fragância é a dele;
 também abaixo dele está o sol brilhante,
 e nem a lua crescente vale sua unha cortada”^[7].

Olhei para o jovem, ó comandante dos crentes, e esse olhar foi seguido por grande alição: meu coração foi arrebatado de amores por ele, a quem eu disse: “Meu amo, amado de meu coração, conte-me a história da sua cidade”. E ele disse:

“Saiba, ó serva de Deus, que esta é a cidade do meu pai – e ele é aquela pedra negra que você talvez tenha visto no interior do palácio amaldiçoado - , e a rainha naquele aposento é a minha mãe. Meu pai foi rei desta cidade, cujos habitantes eram todos magos ^[8], que adoravam o fogo acima de Deus, o rei todo-poderoso; prosternavam-se diante do fogo e juravam em seu nome. Nasci já durante a velhice de meu pai, e fui criado em meio a grande prosperidade; assim cresci e me desenvolvi. Tínhamos conosco uma velha entrada em anos que me ensinava a leitura do Alcorão e me dizia: ‘Não se deve adorar senão o Deus altíssimo’. Foi por seu intermédio que aprendi o Alcorão, fato que passei a ocultar de meu pai e de meus familiares. Certo dia, ouvimos subitamente uma voz descomunal dizer: ‘Ó povo desta cidade, abandone a adoração do fogo e adore a Deus, o misericordioso’, mas ninguém abandonou a adoração do fogo. A voz voltou a alertá-los nesses mesmos termos três vezes no decorrer de três anos. Após o terceiro alerta, no terceiro ano, subitamente a cidade amanheceu com todos os moradores na situação que você os viu; fui o único a escapar ^[9]. Agora, eis-me aqui, conforme você está vendo, entregue à adoração de Deus altíssimo. Já me desesperava com a solidão, sem ter com quem conversar”.

[*Prosseguiu o jovem:*] Ele já seqüestrara minha mente e me subtraía o autocontrole e a alma. Eu lhe disse: “Venha comigo para a cidade de Bagdá. Esta escrava que está diante de você é a senhora de seu povo e manda em homens e escravos; tenho capitais e comércio. Uma parte de meus bens se encontra no navio atracado fora da cidade. A embarcação se perdeu e navegou ao léu até que Deus nos lançou aqui e me fez conhecer a sua juventude”. E tanto insisti, ó comandante dos crentes, que ele disse “sim”. Passei aquela noite quase sem acreditar no que ocorrera, e dormi aos seus pés. Quando amanheceu, levantamo-nos, carregamos dos depósitos reais o que tivesse peso baixo e valor alto e descemos ambos da torre até a cidade, onde encontrei minhas irmãs, o capitão do navio e meus empregados procurando por mim. Ao me verem ficaram muito contentes, e lhes relatei a história do jovem e da cidade. Ficaram estupefatos. Quanto às minhas duas irmãs, que são estas duas cadelas, ó comandante dos crentes, ao verem o rapaz foram tomadas por inveja e passaram, em seu íntimo, a planejar o mal contra mim. Embarcamos todos muito contentes com os lucros. Mas

mais do que todos estava eu, por causa do jovem. Pusemo-nos a esperar bons ventos para seguir viagem.

E a aurora alcançou Šahārzād, que parou de falar. Dīnāzād lhe disse: “ Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se eu viver e o rei me poupar”.

66ª noite das histórias espantosas insólitas das mil e uma noites

Na noite seguinte, Šahrāzād disse:

Conta-se, ó rei venturoso, que a jovem dona da casa disse ao califa:

Então, ó comandante dos crentes, vieram bons ventos e a viagem começou. Acomodamo-nos para conversar e minhas irmãs perguntaram: “O que você fará com este rapaz?”. Respondi: “Vou toma-lo como marido”, e, voltando-me para ele, disse-lhe: “Eu gostaria meu senhor, que você não discordasse de mim quanto ao que vou expor: assim que chegarmos à nossa cidade de Bagdá, eu me oferecerei a você em casamento, como sua serva; serei sua esposa e você meu marido”. O rapaz respondeu: “Sim. Você é que é a minha ama e senhora, e de suas atitudes, quaisquer que sejam, eu jamais discordarei”. Depois, voltei-me para minhas e lhes disse: “Esse é o meu ganho. Quanto a vocês, tudo o que trouxeram será o seu ganho. A mim me basta este jovem; ele é meu”. Mas em seu íntimo elas passaram a planejar o mal contra mim; a feição de ambas se alterou de inveja. Prosseguimos viagem com bons ventos até que chegamos ao Mar da Segurança, no qual navegamos um pouco e nos aproximamos do porto de Basra. Era noite e fomos dormir. Minhas irmãs esperaram que eu adormecesse e risonassem, e me carregaram no colchão, atirando-me ao mar; fizeram o mesmo com o rapaz, que se afogou; quanto a mim, quem dera eu tivesse me afogado junto com ele! Contudo, eu me salvei: bati a cabeça nos rochedos de uma península elevada e acordei; ao me ver no meio da água, percebi que minhas irmãs haviam me atraído, e agradei a Deus por me encontrar em segurança. O navio continuou avançando como relâmpago, e eu fiquei agarrada aos rochedos a noite inteira, até que a alvorada despontou e avistei uma faixa da terra seca que conduzia ao alto da península; caminhei por essa por algum tempo e cheguei àquele local ^[10], quando então exprimi minhas roupas e deixei estendidas ao sol para secar. Comi dos

frutos da ilha e bebi de sua água. Depois caminhei um pouco e me sentei para descansar - eu estava a somente duas horas da cidade. Repentinamente, vi uma cobra comprida, da grossura de uma palmeira, rastejando rapidamente em minha direção; notei que se deslocava para a direita e para a esquerda, até que se aproximou de mim revolvendo a terra com seu tamanho e com um palmo de língua já se arrastando ao solo; em seu encaço havia uma serpente comprida com duas lanças e grossa como uma lança; a serpente já estava para agarrar pela cauda a cobra em fuga, que se agitava para a direita e para a esquerda com as lágrimas escorrendo. Então, ó comandante dos crentes, tomada de piedade pela cobra, peguei uma grande pedra, levantei-a e, rogando a ajuda de Deus, golpeei a serpente, que morreu bem mortinha. Nesse momento, a cobra abriu duas asas e saiu voando até desaparecer de minhas vistas. Sentei-me para descansar e acabei sentando colhida pelo sono. Quando acordei, vi uma escrava negra que me massageava os pés, tendo ao lado duas cadelas negras. Despertei de imediato, sentei-me e perguntei: “Quem é você, minha irmã?”. Ela respondeu: “Quão rapidamente me esqueceu! Eu sou aquela a quem você fez um favor e quem plantou a semente da gratidão. Eu sou a cobra que estava neste lugar quando você fez o favor de matar meu inimigo, com a ajuda de Deus altíssimo. Eu não podia deixar de recompensá-la e, assim sendo, segui a embarcação, ordenei a alguns de meus ajudantes que afundassem o navio, não sem antes terem retirado tudo quanto ele continha e transportado para sua casa. Só agi assim em razão das coisas que, conforme eu soube, suas irmãs lhe fizeram, apesar da generosidade com que você as tratou durante toda a vida. Elas lhe tomaram inveja por causa do jovem e atiraram ambos no mar, afogando o rapaz. Ei-las agora transformadas nestas duas cadelas pretas. Agora eu juro por quem ergueu os céus que, se você desobedecer às minhas determinações, eu irei raptá-la e aprisioná-la ao subsolo”. Em seguida a jovem se chacoalhou, tornando-se algo semelhante a uma ave, e saiu voando comigo e com minhas duas irmãs, e logo me depôs em casa. Olhei ao meu redor e eis que todos os bens que estavam no navio haviam sido transportados para minha casa. Ela me disse: “Juro por ‘quem deu livre curso aos dois mares’^[11] – e esta é a minha segunda jura – que, caso você me desobedeça, vou efetivamente transformá-la, como elas, em cadela. Você deverá toda noite aplicar trezentas vergastadas em cada uma delas, a título de punição pelo que fizeram”. Respondi “sim”. Então ela se foi e me deixou. E aqui estou eu, desde o momento em que ela me fez jurar, punindo-as toda noite até que sangue se lhes escorra. Meu íntimo está condoído por elas, mas eu não tenho escolha. Esse é o

motivo de surra-las e chorar abraçada a elas. Ambas sabem que nisso não tenho culpa e aceitam tal justificativa. Eis aí a minha história, é tudo quanto tenho para contar.

Disse o narrador: ao ouvir as palavras finais da jovem, o califa ficou muito assombrado. Em seguida, o comandante dos crentes mandou Ja^cfar dizer à segunda jovem que contasse o motivo das marcas de chicote que havia em seu peito e flancos, e ela disse:

Quando meu pai morreu, ó comandante dos crentes...

E a aurora alcançou Šahārzād, que parou de falar. Dīnāzād lhe disse: “Como é agradável a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se eu viver e o rei me poupar”.

¹ Provérbio popular.

² O trecho entre colchetes foi traduzido do manuscrito “Árabe 3615”.

³ Cidade localizada no Sul do Iraque, nas proximidades do Golfo Pérsico. Foi fundada pelos árabes no século VII. Sua transcrição é Albasra e, a rigor, em português não deveria vir desacompanhada do artigo que em árabe é obrigatório. Deve-se evitar a forma “Bassorá”.

⁴ Provérbio popular.

⁵ Este trecho deve ser parecido obscuro a copistas posteriores, pois se encontra truncado nos diversos manuscritos do ramo egípcio. Talvez a dificuldade resida na aparente inexistência de uma referência direta de que a narradora se encontrava num palácio real. O manuscrito 550 (“Bodl. Or. 550”) da Bodleian Library diz: “nos aposentos habitados pelo rei com suas mulheres”; já o “Gayangos 49” traz uma descrição mais extensa, que parece guardar relação com o original da versão adotada por algumas edições impressas, como a segunda edição do Cairo, além modificar os motivos que levaram o navio à cidade, fazendo a narradora ver, antes da rainha, “o rei sentado, tendo ao seu lado, seus secretários, ajudantes e vizires; vestia trajes que deixavam atônitos o pensamento; ao me aproximar do rei, verifiquei que estava acomodado num trono cravejado de pérolas e gemas, e cada pérola brilhava como o sol; resplandecente; seu traje estava ornado com ouro, ao seu redor estavam parados cinqüenta mamelucos vestidos de seda e trazendo às mãos uma espada desembanhada”.

⁶ Como se sabe, todo local de prece muçulmana deve ter um nincho que indique a Caaba, pois é na direção dela que os crentes se prosternam.

⁷ Parece óbvio que tais versos, originariamente, descreviam uma figura feminina. E sua adaptação está visivelmente mal-acabada, conforme evidencia pela referência às ancas, incomum para falar de homens, e à “romã” do peito, metáfora habitual para seios empinados.

⁸ No original, *majūs*, isto é, praticantes da religião de Zoroastro.

⁹ O ramo egípcio apresenta mais detalhes sobre a relação entre a velha e o rapaz (realçando o fato de que ela lhe ensinava secretamente a religião muçulmana), e, ao cabo, faz a velha morrer antes dos eventos seguintes, o que parece mais coerente, uma vez que o rapaz foi o único a não ser transformado em pedra.

¹⁰ A passagem não deixa claro se a península ou ilha era constituída pelos rochedos, nem se a faixa de terra ligava os rochedos à península ou a própria ilha ao continente. O autor possivelmente pensou em trechos de terra que, na maré baixa, se ligavam ao continente.

¹¹ “Quem deu livre curso aos dois mares” é como Deus é chamado no Alcorão, em 25, 53.

Interpretações das *Mil e Uma Noites**

Jamil Almansur Haddad

A facilidade de falar sobre as *Mil e Uma Noites* decorre, antes de mais nada, do caráter infinito dessa produção, que nos faculta imenso material de pesquisa e de observação. Acontece, porém, que precisamente esse caráter infinito é, também, sua grande dificuldade: como sintetizar, como condensar?...

Naturalmente, uma conferência não pode pretender o caráter de enciclopédia; limitamo-nos, pois, a extrair alguns ítems, alguns títulos reveladores, e, quem se interessar - interessar é sinônimo de amar - que prossiga por sua conta.

Partirei da figura central: Chahrzad, que é a musa, a figura central da obra. E ao pensar em Chahrzad, lembro-me imediatamente de Ester, de Judite, de Joana D'Arc, de Mata Hari, de Afrodite, e da Nicarágua. Mas por quê? Que tem que ver uma coisa com outra? Tem que ver, porque tudo se liga, tudo se une, tudo se continua, ou, como o espanhol gosta de dizer, tudo 'se conecta', em direção a uma unidade. Unidade que acaba resultando no que, em termos psicológicos, se chama "o arquétipo", a unidade arquetípica.

O que se sabe do raconto das *Mil e Uma Noites* é que Chahrzad contava histórias ao rei Chahryar. Este costumava matar as mulheres, depois do primeiro -e único- encontro de amor, encontro extremamente feliz, acredito, para o sultão, mas não para as mulheres, que seriam irremediavelmente mortas. E o fato de ela contar-lhe histórias, de maneira infinita, tem um sentido imediato de luta contra a morte e um outro sentido amplo, geral, social, político, o de evitar que acabassem tendo esse destino, outras mulheres, as mulheres de seu povo. De modo que Chahrzad se liga ao mito, digamos, à figura da mulher redentora, de que a história está repleta. O que faço -partir de Chahrzad e chegar aos dias contemporâneos- é possível porque este tipo de personagem é extremamente repetitivo, ou seja, em circunstâncias iguais de opressão e havendo pessoas de determinada conformação psicológica, a personagem destes tipos de heroína vem à tona.

É nesse sentido que a Ester bíblica se relaciona com Chahrzad. Porque o que aconteceu com Ester, de acordo com a Bíblia, é que o rei Assuero, um dia, chama sua mulher Vasti e ela simplesmente não atende ao chamado, cometendo, portanto, dentro do espírito do tempo, um crime grave: o da desobediência. Para a visão oriental -e, para o ciúme do macho oriental-, a desobediência é meio caminho andado, é meio adultério. A adúltera tem que ser castigada, como é o caso da pena bíblica da lapidação. Também a mágoa do rei Chahryar decorria da infidelidade das

mulheres de que ele se sentia vítima. Mas, na história de Ester, o que se resolveu foi chamar os "assessores técnicos" do rei e, no caso, foi preciso buscar, por todo o país, virgens, dentre as quais fosse escolhida a sucessora da infiel. E, assim, houve requisição de mil virgens. Aí aparece a figura de Ester: ela faz o jogo da sedução, envolve o rei e salva, deste modo, as mulheres de seu povo.

Como podem ver, volta-se sempre ao mesmo tema: o da redenção, da salvação..., que confere a essas criaturas, um caráter de muita grandeza.

Na mesma linha de Chahrzad e de Ester, encontramos outra figura bíblica: a de Judite, que, para salvar seu povo, envolve, sexualmente, o rei Holofernes para matá-lo. Aliás, o que contemplamos na pintura é a imagem de Judite com uma bandeja, contendo a cabeça decepada do rei vencido, tal como aquela outra cabeça decepada que aparece nas documentações iconográficas: Salomé com a cabeça de São João Batista. Só que Judite está com o punhal, porque ela mesma decepou a cabeça, enquanto Salomé achou mais cômodo mandar que outro a decepasse por ela.

Enfim, essas mulheres são misto de Joana D'Arc, sedutora, com Mata Hari e seu complexo de espionagem, com a presença erótica de Afrodite: condensam em si toda uma gama que vai desde o amor até o sexo, em todas as variedades possíveis de amor (e, no caso, o amor sexual instrumentalizado, funcionalizado, em vista do tipo de atuação que assinalem).

E a Nicarágua? Na Nicarágua, num certo momento, realizava-se um baile, uma festa, em homenagem a um velho político. Aparece, de repente, uma jovem, querendo entrar no baile. Não tinha convite, mas o convite que tinha e o argumento que tinha era sua extraordinária beleza. E a moça entrou. Em seguida, chega o companheiro dela, exclamando que, lá dentro, sua mulher o estava traindo (sempre o problema do adultério...). E deixam-no entrar. A bela nicaragüense tira, então, um revólver de seu seio; dá-o ao companheiro, que mata o político. Hoje, ele é herói nacional da Nicarágua.

Torna-se claro que essa herança, essa hereditariedade, a transmissão de comportamento desse tipo, transcende o âmbito individual, passional das criaturas, adquirindo caráter nacional, internacional, supra-temporal.

Ainda, na Nicarágua, outra personagem destas complicações que estão, todo dia, nos jornais, é Norita: moça muito bela, de difícil conquista. Uma certa figura importante da política nicaragüense apaixonou-se perdidamente por ela, até que, um dia, ela manda dizer a Juvenal que o ama. Juvenal aparece em casa de Norita e amigos dela incumbem-se do assassinato.

Esses problemas escapam, pois, do simplesmente literário e do estético e adquirem real grandeza.

Diante do rei Chahryar, a quem contava histórias, Chahrzad tinha uma intenção muito séria, do ponto de vista que estou destacando: evitar que suas companheiras de sexo fossem vítimas desse procedimento neurótico.

O que se nota é que ela submetia o rei a um certo tipo de psicanálise; só que, em vez de mandá-lo falar, quem falava era ela (esse é o recurso terapêutico novo, talvez os especialistas meditem sobre ele). Contava histórias e é possível que essas histórias contassem episódios em que o rei se sentisse identificado e deles extraísse lições que norteassem sua conduta.

Ela produziu um efeito terapêutico. Uma terapêutica pela poesia, terapêutica pelo canto; basicamente, terapêutica pela palavra, como existe a terapêutica pela música. Enfim, os contos das *Mil e Uma Noites* como método de cura... É possível que, por esse caminho, houvesse curado o rei. Os contos árabes, a poesia árabe têm sido pesquisados do ponto de vista da utilidade terapêutica.

Também -como é notório e sensível a qualquer pessoa que a ouça- a música árabe exerce ação hipnotizante, hipnógena, tal como a poesia pode exercer. Como se sabe, nas *qasidas*, ou seja, nos poemas clássicos árabes, o ritmo começou sendo aprendido a partir da marcha dos camelos. O camelo, quando anda, move, ao mesmo tempo, o membro anterior e o posterior, alternando o lado direito com o lado esquerdo. Isto dá uma espécie de ritmo, é uma marcha embaladora, como acalanto, como *berceuse*, que passa do andar do camelo para os ritmos poéticos. É algo que o ocidental não compreende.

É caso típico o da música: ao ouvir um disco, percebe que a melodia árabe é infinitamente repetitiva. Surpreende-se ainda mais, ao constatar que também a segunda face do disco apresenta a mesma melodia. Presente em tudo isso, aquele caráter hipnógeno, capaz de fazer adormecer. E a verdade é que a música transmite a letra e com esta meia-anestesia, este meio-adormecimento, as grandes mensagens acabam por ser transmitidas.

Voltando a Chahrzad, o ataque que ela faz ao rei dá-se por meio do verbo -esta é a realidade-, do bom poder hipnógeno do verbo e isso é muito árabe, é muito semítico, é muito das religiões... O verbo, o canto, a poesia, a oratória, a palavra realmente!...

Pela África, a certa hora, em certo momento político, os oradores falavam. Falavam em árabe literário, não em árabe popular, coloquial. E esse árabe literário, o povo não entende, mas eles ouviam, quietos. De repente, surgia uma palavra: *istiqlal*; aí o povo uivava de entusiasmo, com uma palavra só (*istiqlal* significa independência)!. O povo não precisava de uma dissertação, não precisava de uma teoria. Bastava-lhe uma palavra, que movia os corações e as mãos.

Essa monotonia hipnógena é muito do caráter do oriental. O oriental não se aborrece com a monotonia. O ocidental é que impõe a fragmentação ininterrupta, que leva à não monotonia, que leva à diversificação.

O oriental prefere ver a igualdade que, basicamente, o deserto lhe dá.

A verdade é que o oriental é o homem do infinito e, portanto, o homem do mistério que se fecha como algo impenetrável, indevassável. Em vez de mistério, eu preferiria dizer **enigma**. O que distingue o enigma do mistério é que o enigma, realmente, tem solução, ao passo que o mistério, por definição, é insolúvel. Desde que se explique o mistério, ele simplesmente deixa de ser mistério.

Sempre, no Oriente, a repetição. A repetição que é a música, a repetição que é o arabesco, as frases que se repetem infinitamente. Em plano religioso e em plano místico, o *dhikr*: a repetição ininterrupta, pelos tempos infinitos, do nome de Allah, em que o crente se anestesia apenas com a repetição do nome de Deus, que leva ao êxtase, o que, em definição rápida, é o contato direto, imediato com Deus, dispensando intermediários.

Não é por acaso que o islamismo não tem sacerdotes que exerçam papel de intermediários. É certo que, nas mesquitas, o imame dirige a prece, mas, em tese, qualquer pessoa poderia fazê-lo, sem estar investida de caráter religioso.

Mas o mistério, o infinito leva a uma imersão na noite. É, por isso, que as histórias são contadas de noite; é por isso que Muhammad recomenda que o Alcorão seja lido de noite; e é por isso que a revelação é obtida na noite: a noite da Revelação. É por isso que, no calendário muçulmano, há a noite do *Qaddar* (predestinação), ou seja a noite do Destino. O Destino nosso é uma realidade noturna.

O *Ramadan*, com sua lua de *Ramadan*, evidentemente, é a noite. A viagem que faz Muhammad de Makkah a Jerusalém é a Viagem Noturna. E, ali adiante, na maçonaria, no carbonarismo, os olhos vendados, a persistência da noite. A noite das cavernas, a noite das grutas iniciáticas... .

Gruta de Nossa Senhora de Lurdes, com sua floresta de muletas e as mães pedindo a cura do filho paralítico.

As aparições das Virgens sucedem-se pelo mundo inteiro: a Virgem Aparecida. Nossa Senhora de Luján, argentina; Virgen del Cobre, em Cuba; Nossa Senhora de Guadalupe, no México. E, todas elas, virgens negras.

Aparece, aqui, um componente racial, que tem de terminar na valorização do moreno e do negro: pense-se no surto de islamismo negro, não só na África, mas mesmo nos Estados Unidos.

É importante este caráter negro, cuja propaganda estou fazendo. No Ocidente, dizemos "câmbio negro", "mercado negro" e uma série interminável de expressões, em que se dá ao negro, sempre, uma acepção pejorativa, depreciativa; enquanto "branco" tem sempre uma carga de conotações favoráveis. Acredito que essa valorização literária do branco e essa depreciação do negro é uma manifestação a mais do racismo ocidental.

Negras, as grutas, as cavernas; negros, os úteros maternos. A mãe é negra. Está lá, em Muhammad, que o Paraíso está no joelho das mães. E a *'Ummah*, a coletividade árabe, tem a mesma raiz de mãe, *'Umm*; é uma realidade materna.

Esse complexo do infinito que aponte, que acaba em negro, que acaba em mistério, remete-nos à noção de tempo para os árabes, de que as *Mil e Uma Noites* é muito reveladora. O árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo.

A verdade é que o que há de temporal nas *Mil e Uma Noites* é o contrário dessa atomização, dessa dissecação, dessa separação temporal do Ocidente, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidra, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente.

O Oriente é coisa muito igual. Parece que há uma homogeneidade oriental, que vai desde um Mediterrâneo libanês até o Japão, de modo que é difícil a imposição de critérios nacionalistas para explicar o que seja Oriente (a própria origem das *Mil e Uma Noites* é asiática, indiana...). Embora os contos das *Mil e Uma Noites* façam como que trajetória pelo mundo, é preciso não interpretar erradamente o fato de, por vezes, as histórias se repetirem. Este fato não significa, sempre, imitação de um modelo original, em que as mesmas histórias podem ser contadas em vários lugares, mas, sim, atendem à condição arquetípica oriental, de que estou falando. Pode-se ter, por exemplo, o oriente das *Mil e Uma Noites* emergindo em trânsito pela Pérsia. (A verdade é que o zendé, língua em que foi vazada a linguagem de Zoroastro e o sânscrito são muito parecidas, como o são a Índia, a Pérsia, ou mais adiante, se quiserem, a Babilônia...).

A Babilônia, em geografia nossa, de nossos dias, corresponde a faixas do Iraque e a faixas da Pérsia. A Babilônia do exílio, da escravidão dos judeus. A Babilônia deve haver dado à religião, nesse cisma judaico, anjos, demônios, fantasias, seres imaginários que vinham vindo desde a Índia.

O que distingue estes seres fantásticos da Índia é que, lá, estes fantasmas têm dimensões desmesuradas, as dimensões do excessivamente grande. Nas transmigrações posteriores, no êxodo da História, as cousas se diminuía, os fantasmas assustavam menos, porque eram menores.

Há, portanto, uma grande complexidade do Oriente que tem uma série infinita de berços. De um lado, a complexidade; de outro, uma facilidade que decorre da homogeneidade da condição horizontal. E, quando se fala do Oriente, no caso das *Mil e Uma Noites*, não deve escapar nem a China, porque a China -o Tibete, principalmente- serve de base a interpretações esotéricas da última noite. Por esse lado chinês, é que as *Mil e Uma Noites* passam a participar das ciências ocultas.

E, assim, as *Mil e Uma Noites* admitem interpretações infinitamente variadas. E dependendo do especialista que trate do assunto, há variedades de perspectivas: para o sanscritista, o persianista, o sinólogo, que tendem a privilegiar o seu enfoque particular. Seja como for, há uma multiplicidade de ângulos, que vai até o infinito.

Nessa história, como entram os árabes? Vemos, na história de sua civilização, a incorporação de materiais alienígenas. A verdade é que os árabes receberam essas histórias -ou, em alguns casos, já as possuíam- e as arabizaram. Esse é o ponto fundamental. É nesse sentido que as *Mil e Uma Noites* é árabe; pela arabização do material recebido.

E, com isso, chegamos ao problema, digamos, árabe: o que é que havia, nisso tudo, de árabe de raiz, de árabe autêntico? A pesquisa dificulta-se exatamente pelo caráter infinito das *Mil e Uma Noites*, por não se tratar de livro de autor, conhecido ou não, e, tampouco, de autores. A origem das *Mil e Uma Noites* é nitidamente popular. É nesse sentido que as *Mil e Uma Noites* adquirem maior grandeza. Essa ausência de cunho literário, para minhas análises mais precipitadas, poderia ser desfavorável, mas o caráter popular é que lhes dá mais grandeza. Seu caráter popular faz que mergulhem na alma do povo, em sua psicologia; e que mergulhem, principalmente, em um passado infinito, que mergulhem na pré-história, o que é de validade para o psicanalista, porque pode mergulhar em muitas de suas faixas insuspeitadas do inconsciente coletivo. Não por acaso, o inconsciente coletivo adota certos mitos.

Os árabes arabizam e, quando os textos vão para a linguagem ocidental, as traduções apresentam um problema dramático de validade. Lendo, por exemplo, a tradução de Mardrus, pode passar despercebido um fato fundamental. Mardrus, realmente, era sírio e um grande escritor de língua francesa, com um belo estilo. Mas, enquanto tradutor, quando traduz do árabe para o francês, enxerta cousas suas, ou suprime outras!...

Livros como as *Mil e Uma Noites* dão muita margem à mistificação literária. Os textos são, às vezes, em certa extensão, suprimidos: entra, aqui, o problema de censura. Edições censuradas das *Mil e Uma Noites* publicam-se até no Mundo Árabe. E aqui se situa um problema muito discutido: o da "pornografia" das *Mil e Uma Noites*. Esse problema não é de fácil solução.

As histórias de fundo sexual que, às vezes, se encontram nas *Mil e Uma Noites*, para o árabe, ou para o japonês, talvez, sejam muito naturais, não estão carregadas de malícia ocidental; ou seja, resvalam mais para o humorismo que para a noção do pecado cristão. Por outro lado, há a diferença de culturas: a mulher muçulmana tem de velar o rosto, mas não tem problema algum em exhibir os seios. Enfim, são outras categorias em jogo. Talvez, no seio, resida mais a maternidade do que o prazer sexual. De modo que esse aspecto erótico das *Mil e Uma Noites* tem de ser estudado com mais largueza de vista e mais imparcialidade.

Uma das histórias das *Mil e Uma Noites* é a de certa personagem que percorreu o país inteiro, à procura de uma virgem e não achou. Deve-se dizer, aqui, que o problema da virgindade no Oriente não é o mesmo que no Ocidente. Pelo menos, lendo o texto bíblico, esse culto da virgem, como decorre da Virgem Maria, parece que custou a aparecer. O que o oriental valoriza, em primeiro lugar, é a fecundidade feminina; portanto, a condição de mulher estéril é que era a pecha. Nos textos bíblicos, há, inclusive, a instituição social do levirato. Levirato é a instituição que impunha ao homem -enviuvando a mulher de seu irmão- o casamento com a cunhada. Ou seja, a mulher era muito defendida da condição de virgem solteira. Acho que a própria instituição da poligamia esteja ligada a isso: uma maneira que se encontra para as mulheres se casarem. E, ao que parece, o hebraico não tem palavra que signifique "solteiro", pois casamento é posição religiosa e, na própria visão religiosa, quando se diz que o matrimônio é um sacramento, que o matrimônio introduz, por assim dizer, a graça do casal, vê-se que a Igreja, não por acaso, posiciona-se irredutivelmente contra qualquer dissolução do vínculo matrimonial.

Para finalizar, o que é que as *Mil e Uma Noites* ensinaram ao mundo? Isso é cousa séria, pois é o que determina que o mundo não pare, determina que o mundo não se estagne. As *Mil e Uma Noites* trazem a grande lição do Sonho.

(*) Conferência proferida em 4-6-1986, na *Semana de Estudos Árabes*, realizada pelo Centro de Estudos Árabes da FFLCH-USP. A transcrição, cotejada com o autor, foi realizada pela Profa. Cecília Nami Adum. Áida Hanania e Jean Lauand, ao editarem a conferência, procuraram manter o tom oral – no saudoso Jamil tão cálido - e preservar suas bem-humoradas derivações temáticas, fruto da capacidade de estabelecer profundas e originais relações, sempre surpreendentes para o ouvinte. Jamil Almansur Haddad, além de renomado poeta, ensaísta e crítico literário, foi também médico psiquiatra. De sua obra poética, destacamos: *Al-Qamar, minha amante*; *Orações negras*; *Orações roxas*; e *Aviso aos navegantes*. De seu trabalho como crítico e ensaísta: *Revisão de Castro Alves*.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Tradução de Tânia Pellegrini. 2.ed. Campinas,SP: Papirus, 1992.

BERNARDI, Verônica Cavalcante Bernardi. A submissão d'A Mulher e a submissão de uma mulher: Sheherazade. Rubedo artigos. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/artigosb/sheraza.htm>. Acesso em: 12 set. 2005.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. São Paulo: Loyola, 1989.

BIRMAN, Joel. *Cartografia do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15ª ed. 7ª impressão. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, Noelly. Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987. Série Princípios.

DEMANT, Peter. *O mundo mulçumano*. São Paulo: Contexto, 2004.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto I: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7ª ed. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade de. *Sociologia Geral*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOI, Isidoro. *A mulher*. São Paulo: Jabuti, 1988.

MENDRAS, Henri. *O que é a sociologia?* Tradução de Albert Suc Kenbruck. São Paulo: Mande, 2004.

Livro das Mil e Uma Noites. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. Vol. 1. São Paulo: Globo, 2005.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIÑON, Nélida. *Vozes do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. São Paulo: EDUSC, 2003.